

MARIA APARECIDA DAMASCENO NETTO DE MATOS

**VERBOS POLISSÊMICOS:
PROPRIEDADES SEMÂNTICAS E PROCESSOS METAFÓRICOS**

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

BELO HORIZONTE

FACULDADE DE LETRAS DA UFMG

2006

Maria Aparecida Damasceno Netto de Matos

**VERBOS POLISSÊMICOS:
PROPRIEDADES SEMÂNTICAS E PROCESSOS METAFÓRICOS**

Dissertação apresentada ao programa de Pós-Graduação em Estudos Lingüísticos da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Lingüística.

Área de concentração: Lingüística
Linha de Pesquisa: Estudo da Estrutura Gramatical da linguagem
Orientadora: Prof^ª Dr^ª Márcia Maria Cançado Lima

Belo Horizonte

Faculdade de Letras da UFMG

2006

**Dissertação aprovada em ____/____/____ pela Banca Examinadora
constituída pelos Professores Doutores:**

Profa. Dra. Márcia Caçado
Universidade Federal de Minas Gerais

Profa. Dra. Maria José Foltran
Universidade Federal do Paraná

Profa. Dra. Heloisa Salles
Universidade de Brasília

Para minha mãe, Amélia
meu marido, José Raimundo
e minha filha, Carolina.

“Ai, palavras, ai, palavras,
que estranha potência a vossa!
Todo o sentido da vida
principia à vossa porta;
o mel do amor cristaliza
seu perfume em vossa rosa;
sois o sonho e sois a audácia,
calúnia, fúria, derrota...”

Cecília Meireles

AGRADECIMENTOS

a Deus, Mestre maior;

à Profª Drª Márcia Maria Cançado Lima, pela orientação segura e rigorosa, bem como pelo carinho e sorriso constantes nos sucessivos encontros para estruturação deste trabalho;

ao Prof. Dr. Hugo Mari, que me sugeriu e emprestou literatura relevante sobre o tema da pesquisa;

a todos os professores do curso, em especial à Profª Drª Maria Elizabeth Fonseca Saraiva, Profª Drª Eunice Nicolau e Profª Drª Yara Goulart Liberato, pelo incentivo e apoio que me ajudaram na realização deste trabalho;

aos meus irmãos, parentes e amigos, pela ajuda em diversos momentos da elaboração desta pesquisa;

à minha amiga escritora, Professora Marina Biagioni Marques, pela solicitude com que me ajudou a revisar o texto;

ao Leo, pela digitação e formatação.

RESUMO

Esta dissertação investiga o comportamento de alguns verbos polissêmicos no português do Brasil, associando-os às possíveis atribuições de papéis temáticos. O trabalho baseia-se na Proposta de Papéis Temáticos de CANÇADO (2003, 2005a), utilizando as quatro propriedades semânticas – desencadeador, afetado, estativo, controle – para classificar os verbos em três diferentes grupos. Também foi utilizada a teoria adotada por LAKOFF & JOHNSON (1980, 2002), na linha da semântica cognitiva. Num primeiro momento, investiga-se o processo polissêmico proposto por LAKOFF & JOHNSON. Numa segunda etapa, faz-se a relação entre a rede temática dos verbos e o processo cognitivo da criação polissêmica.

Palavras-chave: Verbos Polissêmicos; Propriedades Semânticas; Processo Metafórico.

ABSTRACT

This dissertation explores the way that some polyseman verbs behave in Brazilian Portuguese, associating them to the possible thematic role assignments. The research is based on CANÇADO's Thematic Role Theory (2003, 2005a). In this study, the verbs are classified in three different groups, according to the semantic properties – trigger, affected, state, and control –. In addition, we used LAKOFF & JOHNSON (1980, 2002) cognitive semantic proposal. Initially, we explore the explanation of the polysemic process, suggested by LAKOFF & JOHNSON. Secondly, we draw up the relationship between the thematic network of the verbs and cognitive process of the polysemic creation.

Keywords: Polyseman Verbs; Semantic Properties; Cognitive Process

SUMÁRIO

1. Introdução	10
1.1. O Problema e sua Relevância	10
1.2. Objetivos	12
1.3. Sobre a Polissemia	13
1.4. Metodologia do Trabalho	20
1.5. Organização da Dissertação	21
2. Fundamentação Teórica	23
2.1. O Problema e sua Relevância	23
2.2. Definindo Papéis Temáticos	26
2.3. As Propriedades Semânticas	30
2.3.1. O Controle	31
2.3.2. O Desencadeador	32
2.3.3. O Afetado	34
2.3.4. O Estativo	35
2.4. A Abordagem Cognitiva	39
2.4.1. Características das Metáforas	41

3. Descrição e Análise dos Dados -----	48
3.1 Polissemia e Processo Cognitivo-----	48
3.2 Construção Metafórica: do concreto para o abstrato -----	52
3.3 Rede Temática e Processo Metafórico-----	59
3.3.1 Verbos de Estado-----	64
3.3.2 Verbos de Processo-----	65
3.3.3 Verbos de Causação-----	69
3.4 Considerações Finais-----	76
4. Conclusões -----	79
Referências Bibliografias -----	85
Apêndice -----	89

CAPÍTULO 1

INTRODUÇÃO

1.1 O Problema e sua Relevância

Polissemia é um fenômeno lingüístico comum a todas as línguas, que caracteriza um item lexical com uma variedade múltipla de significados, mas que mantém uma certa relação de sentido entre os mesmos. Por exemplo:

(1) Veja só essa letra!

Em (1), podemos ter vários significados para a palavra *letra*: um dos sinais gráficos do alfabeto, um título de crédito ou um texto em verso de certas músicas. Entretanto, em todos os significados possíveis, existe um certo sentido básico, relacionado a coisas escritas.

A polissemia é, provavelmente, uma das relações mais produtivas de qualquer língua e resulta, em certa medida, de uma das propriedades de todas as línguas naturais: a sua criatividade. Diante da grande diversidade de sentido que os itens lexicais apresentam e tendo como objeto central de estudo deste trabalho essa diversidade em relação aos verbos, colocam-se, primeiramente, dois problemas cruciais a serem estudados: um diz respeito ao conceito de polissemia, questão tão polêmica na literatura

lingüística; um segundo diz respeito à sua estrutura, ou seja, como as palavras polissêmicas se apresentam no léxico. Quanto ao conceito, faz-se necessário, primeiramente, distinguir a polissemia de dois grandes fenômenos lingüísticos: a vagueza e a homonímia. Quanto à questão da estrutura do item polissêmico, devemos investigar e tentar clarear como se dá a apresentação desses itens no léxico, ou seja, existem várias entradas lexicais para cada sentido apresentado por um verbo, ou existe somente uma entrada lexical para cada verbo e algum tipo de processo cognitivo operando sobre o sentido básico desses verbos, como, por exemplo, propõem LAKOFF & JOHNSON (1980, 2002). Adotando-se a segunda perspectiva de LAKOFF & JOHNSON, ainda podemos apontar uma outra direção que tomará esta pesquisa: ao se trabalhar com as polissemias, conseqüentemente, entraremos no domínio do estudo das metáforas.

Pode-se resumir a importância fundamental de se realizar estudos sobre a polissemia, usando a explicação de MARI (2001). Para o autor, a polissemia, enquanto fenômeno lexical, consagra o princípio da economia, à medida que possibilita a reutilização contínua do significante. Através dela, podemos dispor de um número menor de significantes e, com eles, realizar muitos significados. Na descrição do léxico, a observância desse princípio da economia torna-se importante, haja vista o volume de dados que um léxico contém. Desse modo, estreitar o leque das representações semânticas de itens do dicionário é uma meta desejável.

Ainda, um outro ponto relevante é que, em vista dos vários problemas semânticos relacionados à polissemia, torna-se fundamental a compreensão mais ampla dessa propriedade. Primeiramente, do ponto de vista teórico, como explicitação dos processos cognitivos da mente humana. Em segundo lugar, do ponto de vista do ensino, é

extremamente pertinente o esclarecimento das questões colocadas nesta introdução, para que se possa elaborar um material didático mais claro e preciso sobre o português brasileiro.

Apesar de vasta a literatura sobre polissemia, no português e em outras línguas, acreditamos que a diferença de enfoque justifica a elaboração de mais um estudo sobre o tema.

1.2 Objetivos

Como um objetivo mais geral e descritivo, propomos, nesta dissertação, fazer uma ampla descrição de alguns verbos do português brasileiro (daqui para frente PB) e o processo polissêmico apresentado por eles. Faremos essa descrição, dividindo os verbos por classes semânticas mais gerais, como, por exemplo, classe dos verbos de causação, classe dos verbos processuais e assim por diante.

Como objetivos mais teóricos, teremos dois procedimentos. O primeiro será estabelecer, a partir desses dados, a rede temática apresentada nas construções investigadas, usando a proposta de CANÇADO (2003, 2005a) e tentar verificar se existe algum tipo de relação entre o processo polissêmico encontrado nos dados e as redes temáticas apresentadas pelas classes investigadas. O segundo objetivo teórico será estabelecer, se possível, a relação entre os resultados obtidos para a análise temática e o processo metafórico de criação de polissemias, proposto por LAKOFF & JOHNSON (1980, 2002).

1.3 Sobre a Polissemia

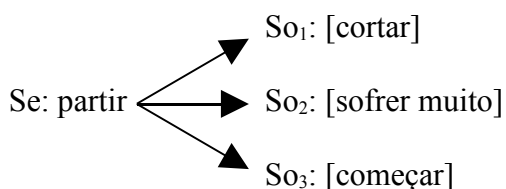
Polissemia, segundo os próprios componentes (poly + sema + ia) é palavra que comporta várias significações. Determinar quando, como e por quê esses significados ocorrem não é tarefa fácil. Há, ainda, a homonímia que, de certo modo, dificulta as investigações sobre a polissemia. Um dos problemas está em decidir quando se trata de polissemia e quando se trata de homonímia.

Para GONZALEZ *et alii* (1977) homonímia e polissemia são fenômenos semânticos que se relacionam. A homonímia pode chegar a ser polissemia e a polissemia, homonímia. Ambas pertencem ao mesmo caso de multiplicidade de significação: um significante com vários significados. É difícil traçar uma linha divisória entre ambas. Veja:

(2) A menina partiu a maçã.

(3) A moça partiu o coração do rapaz.

(4) Este artigo partiu de um simples trabalho de aula.



Até que ponto se teria polissemia e onde começaria a homonímia?

CANN (1993), numa perspectiva formal, salienta que a homonímia é frequentemente comparada à polissemia. A polissemia é interpretada como tendo

múltiplos sentidos que não são inteiramente distintos. O exemplo clássico de uma polissemia, em inglês, é o vocábulo *mouth* que tem diferentes interpretações, dependendo do tipo de referente descrito como tendo uma boca. Há, por exemplo, bocas humanas, bocas de garrafas, dentre outras. Em cada um desses casos, as propriedades do referente descrito por *boca* são diferentes, mas não absolutamente diferentes: cada um refere-se a uma abertura do mesmo tipo. Para CANN (1993), a diferença entre homonímia e polissemia é uma questão de gradação, ou seja, para que haja polissemia é preciso que exista um traço comum entre os vários significados, e definições precisas desses termos são difíceis e controversas.

LANGACKER (1991) afirma que a polissemia, em vários casos, é definida em função do que o autor nomeia de saliência cognitiva, ou seja, a interpretação das sentenças seria em função da manifestação de um mapa cognitivo que transporta a noção do tempo/espço para uma noção de objetos consumíveis no tempo/espço.

Consideremos o exemplo:

(5) Ele ouviu o piano (objeto).

Dentro de uma perspectiva da semântica cognitiva, linha em que a proposta de LANGACKER se insere, o verbo *ouvir* é polissêmico em (5), pois entendemos o piano como algo que se ouve, como objeto que pode ser ouvido. Portanto, a interpretação da sentença em (5) é definida em função de um mapa cognitivo que transporta a noção de *piano* para uma noção de sons que podem ser ouvidos, em outras palavras, acionamos o nosso arquivo mental para fazer a transposição dessas noções.

PERINI (2001: 250) toma, como exemplo, a palavra *verde*, que pode ser o nome de uma cor, ou, então, um estágio na maturação de uma fruta, tanto é assim que se pode dizer de uma fruta amarela que ainda está verde. O autor apresenta o seguinte problema: “considera-se *verde* uma única palavra ou duas? Se for considerada uma única palavra, haverá mais de um significado, ou seja, é polissêmica. Ao se distinguir, porém, duas palavras *verde*, afirma-se que as duas terão a mesma pronúncia e grafia e que são homônimas.” Para o autor, a maioria das palavras são polissêmicas em algum grau, por exemplo, fio (de linha) e fio (de eletricidade). Palavras não-polissêmicas são raras, e, geralmente, são criações artificiais como os termos técnicos: fonema, pâncreas, etc.

CANÇADO (2005b) atesta que existe uma diferença entre homonímia e polissemia tradicionalmente assumida pela literatura semântica, mais especificamente pela lexicologia. Ambos os fenômenos lidam com os vários sentidos que os itens lexicais podem comportar, entretanto, segundo CANÇADO (2005b: 107), “polissemia é quando os possíveis sentidos de uma palavra ambígua têm alguma relação entre si”:

(6) pé: pé de cadeira, pé de mesa, pé de fruta etc.

(7) rede: rede de deitar, rede elétrica, rede de computadores etc.

Em (6), tanto se pode recuperar o sentido de *pé*, como sendo a base, como em (7), pode-se recuperar a idéia de coisa entrelaçada na palavra *rede*. Entretanto, essa recuperação que é baseada na intuição do falante e em alguns fatores históricos a respeito do item lexical, não é uma tarefa fácil. Nem sempre há uma concordância entre os falantes, ou mesmo, a dificuldade, por vezes, encontrada em precisar, com segurança, a etimologia de um item lexical, tem vindo a impor-se como um problema.

Um outro aspecto importante a realçar é o fato de uma mesma palavra poder ser considerada uma homonímia em relação a determinado sentido e ser uma polissemia em relação a outros. Repito os exemplos de CANÇADO, abaixo:

(8) pasta_1 = pasta de dente, pasta de comer (sentido básico = massa)

(9) pasta_2 = pasta de couro, pasta ministerial (sentido básico = lugar específico)

O item lexical *pasta* pode ser tanto polissemia, nos vários sentidos associados a cada ocorrência, quanto homonímia, pois pela intuição do falante, o sentido de *pasta*, entre (8) e (9), não pode ser recuperado.

Outro fenômeno relacionado à polissemia é a ambigüidade lexical. Palavras polissêmicas geram sentenças ambíguas. Entretanto, antes de se tecer qualquer comentário sobre o problema da ambigüidade, torna-se necessário distingui-la de um outro fenômeno: da vagueza. CANÇADO (2005b) afirma que a idéia geral é que, em exemplos de vagueza, o contexto pode acrescentar informações que não estão especificadas no sentido, mas em exemplos de ambigüidade, o contexto especificará qual o sentido a ser selecionado. O problema, naturalmente, é decidir, para um dado exemplo, quando está envolvida a idéia de ambigüidade ou de vagueza. Alguns testes são propostos para se distinguir essas duas noções, entretanto, nem sempre esses testes solucionam os problemas apresentados. Existe um teste, designado “teste de identidade” que foi introduzido por LAKOFF (1970) e baseia-se na assunção de que a coordenação de significados distintos produz frases zeugmáticas, ou seja, frases com a supressão de um termo já expresso anteriormente, como em:

(10) O João deixou o café e o Pedro também.

Em (10), pode haver duas interpretações para o item *café*, ou seja, são admissíveis duas leituras em que tanto o João como o Pedro abandonaram a bebida ou o estabelecimento comercial.

A compreensão da sentença em (10) se dá, porque se estabeleceu uma convenção de identidade entre a primeira sentença e a sentença inferida a partir da palavra *também*. O mesmo se dá em sentenças ambíguas:

(11) João adora aquele canto e a Maria também.

A ambigüidade da sentença em (11) está na palavra *canto* que se pode referir a música ou a lugar. Se entendermos a palavra *canto* como música, ambas as sentenças terão de se referir a música. No entanto, se tivermos sentenças em que exista só a vagueza de termos, a interpretação da especificidade da segunda sentença com *também* não fica restrita à interpretação da primeira sentença. Veja-se a palavra *beijo*, que pode ser considerada vaga (beijo na mão, no rosto, na boca), mas não ambígua:

(12) O João beijou a Maria e o Paulo também.

É possível que as sentenças acima estejam descrevendo um fato como o *João beijou a Maria no rosto e o Paulo a beijou na boca*.

Os adjetivos como *azul*, por exemplo, constituem um caso de vagueza e não de ambigüidade, porque as cores, em geral, apresentam variações de significado. *A minha*

blusa era azul e a dela também, cada uma de um tom de azul diferente, daí a presença do fenômeno vagueza. Verifica-se, entretanto, a aceitabilidade da estrutura com uso da palavra *também*, proposta por LAKOFF (1970). Existem ainda, outros testes para a distinção entre vagueza e ambigüidade. No entanto, todos eles parecem apresentar alguns problemas.

A vagueza, com preposições, também é outro tópico que deve ser discutido em ligação com a polissemia/ambigüidade. Em KEMPSON (1977), sentenças com preposição, principalmente com a preposição *de*, são apresentadas como exemplos de vagueza:

(13) O quadro de Maria é muito bonito.

CANÇADO (2005b) afirma que as ocorrências com preposição são exemplos de sentenças ambíguas. A autora relata que as preposições podem ter vários sentidos (itens lexicais “leves”), que só serão estabelecidos a partir da composição com seu complemento, e, às vezes, a partir da composição com o verbo, principalmente a preposição “de” que pode se referir a origem (*veio de São Paulo*); qualidade (*a casa de pedra*); modo (*veio de cavalo*) etc¹. Entretanto, apesar de serem muitas possibilidades, só podem ser essas, não podem ser outras, como companhia, por exemplo.

Além do que foi apresentado, também devemos investigar a metáfora, pois o processo metafórico está intimamente associado à questão da polissemia. Para LAKOFF & JOHNSON (1980, 2002), a metáfora não é um recurso apenas da linguagem poética. Em termos cognitivos, a metáfora é um processo central que está no entendimento de

¹ Para o leitor interessado no assunto, BERG (2005) faz um amplo estudo sobre o sentido e funções das preposições do português.

expressões comuns na nossa linguagem cotidiana. Os autores assumem as preposições e suas expansões metafóricas como ocorrências polissêmicas. Por exemplo, usamos as preposições *sobre* e *em* de diversas maneiras, como nas expressões abaixo:

- (14) as nuvens sobre a cidade
- (15) a tampa sobre o buraco
- (16) o comentário sobre seu divórcio
- (17) a água no vaso
- (18) o rachado no vaso
- (19) o pássaro na árvore

É fácil perceber a diferença de significados entre (14), as nuvens por cima da cidade, e em (15), a tampa está em cima do buraco, provavelmente, tampando o buraco; e, ainda, em (16), o comentário feito a respeito do divórcio. E assim por diante, com os outros exemplos.

Ainda sobre polissemias e metáforas, vale realçar os exemplos de CANÇADO (2005b):

- (20) Paulo quebrou o vaso com o martelo.
- (21) Paulo quebrou o vaso com o empurrão que levou.
- (22) Paulo quebrou a promessa.
- (23) Paulo quebrou a cabeça no acidente.
- (24) Paulo quebrou a cabeça com aquele problema.
- (25) Paulo quebrou a empresa.

(26) Paulo quebrou.

(27) Paulo quebrou a cara.

Para a autora, esses exemplos podem envolver o fenômeno da polissemia. Não seria interessante afirmar, do ponto de vista teórico, a existência de oito entradas lexicais para o item *quebrar*. Entretanto, afirma CANÇADO, se adotarmos o processo composicional, que envolve não só os argumentos, mas também os adjuntos de uma sentença, no que diz respeito aos papéis temáticos, o problema estaria resolvido, ou seja, teríamos somente uma entrada lexical para o verbo *quebrar* com vários significados relacionados entre si. (Estudos sobre a noção de composicionalidade serão vistos no capítulo 2).

1.4 Metodologia do Trabalho

Apesar de toda a problemática envolvendo o limite entre os conceitos sobre homonímia, polissemia e vagueza, assumimos, como parte da nossa metodologia de pesquisa, que verbos que apresentassem simplesmente mais de um significado fariam parte do nosso levantamento de dados. Em um segundo momento da pesquisa, refinariamos esses dados de acordo com os conceitos que foram assumidos no nosso quadro teórico. Foi coletado um total de setenta e seis verbos de BORBA (1990), FERNANDES (1967), AURÉLIO (1975) e, muitas vezes, da nossa própria intuição e, também, extraídos, informalmente, em conversas. Isso possibilitou estudar o fenômeno gramatical, elaborando sentenças, cada uma delas com o mesmo verbo com vários possíveis significados.

Concluído o levantamento dos verbos e a elaboração das sentenças, procedeu-se à identificação dos papéis temáticos dos argumentos constituintes de cada sentença. Para essa identificação, usou-se a proposta teórica de CANÇADO (2003, 2005a). Esperávamos encontrar, nessa análise, algum tipo de relação da produtividade do processo de criação polissêmica e as redes temáticas apresentadas.

Em uma terceira etapa, elaboramos uma divisão por classes semânticas de verbos, de acordo com algum tipo de característica semântica em comum que esses verbos apresentavam. Por exemplo, verbos que denotavam propriedades psicológicas causativas foram catalogados em uma classe; verbos que apresentavam processos cognitivos entravam em uma outra classe. Fizemos isso, na tentativa de encontrar generalizações entre tipos semânticos de verbos e seu processo de criação polissêmica. Baseando-nos na idéia de LAKOFF & JOHNSON (1980, 2002), que o processo de criação de polissemia é um processo metafórico e que vai do físico para o abstrato, esperávamos achar algum tipo de correlação da produtividade do processo da criação de polissemia e as distintas classes semânticas.

E, uma última etapa foi a análise da correlação entre papéis temáticos e os processos metafóricos dos resultados obtidos das redes temáticas analisadas e os tipos semânticos das classes de verbos catalogados.

1.5 Organização da Dissertação

Esta dissertação organiza-se em quatro partes. Além desta introdução, há três outros capítulos, incluindo a conclusão.

No segundo capítulo, ao se fazer a exposição do quadro teórico, utilizado neste trabalho, relatam-se dois estudos que se mostraram especialmente relevantes para esta pesquisa: a proposta apresentada por CANÇADO (2003, 2005a) sobre os papéis temáticos e alguns aspectos da proposta sobre processos cognitivos metafóricos feita por LAKOFF & JOHNSON (1980, 2002).

No terceiro capítulo, apresentam-se as análises dos dados e as possíveis generalizações decorrentes dessa análise sobre as construções polissêmicas, sem pretender, evidentemente, esgotar a descrição do comportamento dos verbos polissêmicos no PB. Para tal procedimento, são usadas as propostas apresentadas no Capítulo 2 (CANÇADO, 2003 e 2005a; LAKOFF & JOHNSON, 1980 e 2002).

Finalmente, o capítulo quarto encerra esta dissertação, fazendo uma revisão do apresentado e fazendo uma comparação dos resultados obtidos e dos objetivos propostos no início da pesquisa. Concluímos com os pontos que ainda ficaram sem uma direção, como indicação para futuras pesquisas.

CAPÍTULO 2

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Nesta pesquisa, utilizaremos como embasamento teórico duas propostas mais específicas. A questão dos papéis temáticos será utilizada de uma maneira mais ampla e terá como sustentação teórica as propostas de CANÇADO (2003, 2005a). A autora faz uma proposta mais fina e rigorosa para a atribuição de papéis temáticos, usando para tal um conjunto de propriedades semânticas explicitadas por acarretamentos lexicais e a composição dessas propriedades. Também utilizaremos algumas idéias, encontradas nas propostas sobre processos cognitivos de LAKOFF & JOHNSON (1980, 2002), associando esse processo metafórico ao processo da criação polissêmica.

2.1. Os Papéis Temáticos

Na literatura, FILLMORE (1968) é um dos pioneiros no reconhecimento da importância das relações e das funções semânticas (ou temáticas). Para ele, essas funções descritas como papéis temáticos são – agente, paciente, instrumento e outros. Também podemos citar GRUBER (1965) e JACKENDOFF (1972) que, como FILLMORE, inferiram que as relações gramaticais, tais como a de sujeito, objeto e outras, não eram suficientes para representarem as relações de dependência que existem em certas construções.

Por exemplo:

- (1) a. João quebrou a janela com uma pedra.
- b. A janela quebrou.
- c. A pedra quebrou a janela.

Vemos que, em todas as sentenças, *a janela* exerce a mesma função semântica de paciente, porém, em (1b), a função gramatical é de sujeito, enquanto em (1a) e (1c) é de objeto. Observamos, também, que temos sentenças com sujeitos distintos: *o menino*, *a janela* e *a pedra*, mas não são sentenças distintas, ou seja, há relação entre elas. Vemos, pois, que a sintaxe não consegue estabelecer estas relações de dependência que estão ligadas ao sentido. Cabe, portanto, à semântica estabelecer essas relações de dependência². A noção de papel temático de um argumento, ou seja, o papel semântico que um argumento exerce em uma sentença, pode ser observado nas relações semânticas estabelecidas entre um verbo e seus argumentos. Por exemplo:

- (2) Pedro jogava bola.

A relação de sentido estabelecido entre *jogar* e os argumentos *Pedro* e *bola*, pode ser entendida como: Pedro é o agente da ação de jogar e bola é o objeto em movimento, geralmente nomeado tema dessa ação. Podemos mostrar essa relação da seguinte maneira, em uma grade temática:

² Existem outros autores tais como CHOMSKY (1981, 1986), STOWELL (1981) e BAKER (1988) que também reconhecem a importância dos papéis temáticos. Entretanto, para esses autores, a única importância atribuída aos papéis temáticos, dentro da perspectiva gerativista adotada, é a sua existência, não se levando em conta seu conteúdo específico.

(3) jogar: V, {agente, tema}

Diz-se, tradicionalmente, que *jogar* atribui – ou seleciona – dois papéis temáticos: um agente, alguém que joga – *Pedro* –, e um tema, algo que é jogado – *bola* –.

Entretanto, é sabido na literatura, que essa forma de identificação dos papéis temáticos sempre leva a inconsistências. Por isso, CANÇADO (2003, 2005a), numa teoria mais fina e rigorosa, define papéis temáticos como sendo *um grupo de propriedades atribuídas a um determinado argumento a partir dos acarretamentos estabelecidos por toda a proposição em que esse argumento encontra-se*. A autora baseia-se, principalmente, nos estudos de JACKENDOFF (1983, 1987, 1990), com a adoção de módulos sintático e semântico distintos, nos estudos de DOWTY (1989, 1991) sobre o uso de acarretamentos lexicais³ e na idéia de composicionalidade de FRANCHI (1997).

CANÇADO apresenta um sistema em que se faz um estudo mais rigoroso sobre papéis temáticos e aponta algumas propriedades semânticas, reduzindo, com isso, o número de papéis temáticos da literatura vigente. Além disso, as propriedades propostas mostram definições mais intuitivas que as apresentadas, até agora, na literatura.

Antes de passarmos à relação das propriedades semânticas, um dos objetivos desta pesquisa, apresentaremos, com maiores detalhes, a proposta de CANÇADO (2003, 2005a) que atribui aos papéis temáticos um estatuto teórico, dentro de uma teoria gramatical.

³ DOWTY (1989,1991) define acarretamento lexical de um predicado como o grupo de todas as coisas que podemos concluir sobre *x* somente por saber que a sentença *x predicador y* é verdadeira.

2.2. Definindo Papéis Temáticos

As relações temáticas, de modo geral, estabelecem-se entre um verbo e seus argumentos (sujeito e complementos). Por exemplo:

(4) João machucou o irmão.

Em (4), o verbo *machucar* atribui papel temático de agente e de paciente a *João* e a *o irmão*, respectivamente. Para alguns autores, alguns nomes, adjetivos atribuem papéis temáticos. FRANCHI (1997) afirma que as relações temáticas se estabelecem não só entre todos os itens lexicais, mas também entre as expressões complexas. Ao definir papel temático, FRANCHI apóia-se na proposta de DOWTY (1989, 1991) que entende que o conteúdo semântico dos papéis temáticos se estabelece a partir da família de acarretamentos lexicais. FRANCHI amplia a idéia de DOWTY e propõe que “*intuitivamente, a Predicação é, pois, uma relação de sentido entre duas expressões singulares ou, componencialmente, entre expressões complexas*” FRANCHI (1994a, 1997: 45).

CANÇADO (2003, 2005a) reafirma FRANCHI, quando propõe que predicadores não são apenas os verbos, mas também quaisquer itens lexicais (nome, verbo, adjetivo, advérbios, preposições) e mesmo as expressões complexas, ou seja, expressões predadoras. Adota, portanto, a noção de composicionalidade na atribuição de papéis temáticos. Por exemplo:

(5) João machucou o irmão com um tapa.

somente através da composicionalidade entre *o irmão* e *com um tapa* pode-se estabelecer a agentividade de *João* na sentença. Daí o nome *expressões predicadoras*.

CANÇADO define, assim, os pressupostos gerais de sua teoria, baseando-se, conforme dissemos, em primeiro lugar em DOWTY, porém distancia-se dele, quando enfoca a sua proposta mais nas propriedades, vendo-as como noções discretas, que compõem os papéis temáticos. Ao contrário, DOWTY trata papéis temáticos, enquanto uma noção “fuzzy” (não-discreta)⁴. Em segundo lugar, a autora adota a idéia de composicionalidade na atribuição de papéis temáticos, proposta por FRANCHI, porém, distancia-se, também, do autor, que estabelece um formalismo para a predicação composicional. Baseada, portanto, nesses pressupostos – definição dos papéis temáticos por acarretamentos lexicais e noção de composicionalidade na atribuição de papéis temáticos – CANÇADO (2003, 2005a) propõe a seguinte definição para os papéis temáticos:

“O papel temático de um argumento, ou seja, o papel semântico que determinado argumento exerce em uma sentença, é definido como sendo o grupo de propriedades atribuídas a esse argumento a partir dos acarretamentos estabelecidos por toda a proposição em que esse argumento encontra-se”.

Tomando-se, por exemplo, uma proposição como:

(6) João machucou o irmão com um tapa

temos que, na sentença em (6), o papel temático atribuído a *João* é o grupo de propriedades semânticas atribuídas a *João*, estabelecidas pelos acarretamentos

⁴ Para maiores detalhes sobre o assunto, ver DOWTY (1989,1991)

decorrentes da proposição *João machucar irmão com tapa*. Ou seja, entendida a noção de acarretamento como: *A acarreta B; se A é verdade, B também é verdade*; deve-se testar cada acarretamento desta maneira: se é verdade que *João machucou o irmão com um tapa*, então, é necessariamente verdade que João:

- é um ser animado;
- foi o iniciador do processo de *machucar o irmão*;
- teve intenção de *machucar o irmão*;
- tem controle sobre o processo de *machucar o irmão*.

A autora assume, portanto, que o papel temático, atribuído ao argumento João em (6), é o grupo de propriedades apresentadas acima.

Faz-se necessário dizer que é só a partir da proposta de FRANCHI com a composição de *machucar o irmão e com um tapa*, em (6), que se pode atribuir a intenção a *João*. Se somente o verbo *machucar* ou mesmo o VP *machucar o irmão* atribuísem papel temático ao argumento *João*, não teríamos como afirmar que João age intencionalmente; ele poderia, por exemplo, ser somente uma causa, dependendo do conteúdo semântico da adjunção:

(7) João machucou o irmão sem querer.

Entretanto, observa-se um problema nesse modo de atribuir papel temático; pode-se encontrar uma lista muito grande de propriedades que se depreendem da interseção de qualquer grupo de acarretamentos. Torna-se, pois, necessário definir certas propriedades

semânticas que sejam relevantes para as regras de correspondência entre a sintaxe e a semântica.

Antes, porém, de passarmos para o estabelecimento de tais propriedades, vejamos as vantagens de assumirmos o sistema proposto por CANÇADO (2003, 2005a).

Ao caracterizar papéis temáticos, através das propriedades semânticas, utilizando-se da composicionalidade e dos acarretamentos estabelecidos pela proposição, evitam-se dois problemas: o primeiro é assumir a existência de várias entradas lexicais para cada sentido apresentado para um mesmo item (exemplos em (8)); o segundo é atribuir duplo papel temático a um mesmo argumento, ferindo o conhecido critério-theta, aceito por várias correntes lingüísticas. (exemplos em (9))⁵ :

- (8) a. Paulo quebrou o vaso com um martelo. {Ag, Pac}
- b. Paulo quebrou o vaso com o empurrão que levou. {Cau Ind, Pac}
- c. Paulo quebrou a empresa. {Ag, Pac}
- d. Paulo quebrou a cabeça no acidente. {Ben, Pac}

Não seria interessante, do ponto de vista teórico, afirmar que existem quatro significados de *quebrar*, marcados no léxico, cada um com sua grade temática. Por isso, se adotarmos a noção de composicionalidade para a atribuição de papel temático, o primeiro problema será evitado, pois teremos quatro predicadores complexos distintos, compostos pelo verbo *quebrar* mais seus argumentos e adjuntos da sentença em questão.

Passemos, agora, para os exemplos em (9), que esclarecem o segundo problema:

⁵ Utilizaremos os papéis temáticos nos exemplos (8) e (9) ainda de maneira mais usual da literatura, pois ainda não determinamos as propriedades utilizadas por CANÇADO (2003, 2005a)

(9) a. O professor correu o garoto atrevido para fora da sala.

b. A mãe casou a filha bem.

c. O pai estudou todos os filhos até a faculdade.

Nas análises atuais, *garoto/filha/filhos* seriam classificados como agentes, porque desencadeiam um processo; entretanto, seriam, também, pacientes, porque são afetados pela ação do *professor/mãe/pai*. Essa análise contraria o critério-theta. Entretanto se pensarmos em um grupo de propriedades atribuídas ao argumento pelos acarretamentos de toda a proposição, o segundo problema estará resolvido. Atribui-se a *garoto/filha/filhos*, o papel temático de: agente/afetado ou paciente/agentivo. O importante é que se possa integrar os papéis temáticos a uma teoria gramatical.

2.3. As Propriedades Semânticas

Para uma definição de quais propriedades semânticas são relevantes na ligação entre as estruturas sintática e semântica, CANÇADO (2003, 2005a) analisou num processo empírico, essa ligação em sentenças que contêm os papéis temáticos mais investigados na literatura. Foram encontradas quatro propriedades semânticas, fundamentais para o estabelecimento das Regras de Projeção da semântica na sintaxe: *ser desencadeador da ação/processo, ser afetado pela ação/processo, ser ou estar em determinado estado e ter controle sobre o desencadeamento, o processo ou o estado*, abreviadamente, *desencadeador, afetado, estativo e controle*.

Segundo a autora, as três propriedades semânticas principais estão relacionadas às três grandes categorias semânticas: desencadeador relaciona-se a ações/causações;

afetado relaciona-se a processos e estativo, a estados. O controle coexiste com as outras três propriedades, entretanto, diferentemente delas, nunca ocorre isolado e associa-se sempre à propriedade de animacidade.

2.3.1. O Controle

O controle é uma propriedade associada à noção de agente. Identifica-se o controle, quando a proposição acarreta a um argumento poder começar ou interromper um fenômeno. Os exemplos estão em (10 a, b) e (11 a, b):

(10) a. João pintou o vaso.

b. João decidiu não mais pintar o vaso.

A sentença em (10 b) mostra a presença de controle no argumento *João*, ou seja, a sentença em (10 a) acarreta controle para o seu sujeito.

(11) a. João morreu.

b. * João decidiu não mais morrer.

Da mesma forma, a sentença em (11 b) mostra a ausência de controle no argumento *João*. Percebe-se, portanto, o controle em sentenças construídas com a expressão ... *decidiu não mais* ... Sentenças que aceitam essa expressão, em geral, acarretam controle.

2.3.2. O Desencadeador

Quando um argumento de uma proposição tem algum papel no desenrolar do processo, pode-se atribuir a esse argumento a propriedade de *desencadeador*.

(12) *João* quebrou a janela.

(13) *A chegada de Paulo* assustou Maria.

Não se deve comparar a propriedade de desencadeador ao papel temático de agente ou causa ou a qualquer outro papel temático. Por exemplo, o agente, geralmente, é associado à intenção e ao controle. Entretanto, embora essas propriedades coexistam com o desencadeador, não são, necessariamente, associadas a ele. É o que mostram os exemplos em (12) e (13). Repetindo as sentenças em (9), vamos ilustrar a observação acima:

(14) a. O professor correu o garoto atrevido para fora da sala.

b. A mãe casou a filha bem.

c. O pai estudou todos os filhos até a faculdade.

Como foi visto, o papel temático de *professor/mãe/pai* é o de ser desencadeador com controle; ao *garoto/filha/filhos* atribuímos ser desencadeador e afetado pelo processo. Nota-se que desencadeador é uma propriedade associada a outras, em um grupo específico de propriedades chamado papel temático. Por isso, o desencadeador pode

fazer parte de um *agente*, ou *causa*, ou *paciente*, ou, até mesmo, de um *experienciador*, como nos mostra o exemplo em (15):

(15) Paulo leu o livro.

Com isso, fica comprovado que as noções assumidas por CANÇADO (2003, 2005a) não devem ser comparadas às noções comuns de papéis temáticos vigentes na literatura. Ainda sobre a propriedade desencadeador, é correto afirmar que ela é compatível com controle, dependendo do evento descrito.

O desencadeador com controle tem a capacidade de iniciar, terminar ou, até mesmo, interromper um processo. Exemplificando:

(16) a. João quebrou o vaso com um martelo.

b. João decidiu não mais quebrar o vaso com um martelo.

(17) a. João quebrou o vaso com o empurrão que levou do irmão.

b. * João decidiu não mais quebrar o vaso com o empurrão que levou do irmão.

A sentença (16a) necessariamente acarreta que *João* é o desencadeador com controle, pois *João* tem controle sobre o começo e o fim do processo, ou, até mesmo, de interromper o ato de quebrar. Isso é comprovado pela sentença em (16b). Mas a sentença em (17a) não acarreta que *João* tenha controle no desenrolar do processo, ainda que *João* seja desencadeador, pois é ele que inicia o processo de quebrar. Essa observação é comprovada pela sentença em (17 b), que é agramatical.

2.3.3. O Afetado

A terceira propriedade é o *afetado*. Define-se essa propriedade pela mudança de estado, ou seja, quando uma proposição acarreta, para um determinado argumento, mudança de um estado A para um estado B, temos a propriedade *afetado*.

(18) João matou seu colega. (O colega mudou de estado de vida.)

(19) Maria preocupa sua mãe. (A mãe mudou de estado psicológico.)

(20) Maria recebeu um prêmio. (Maria obteve uma mudança em suas posses.)

(21) João jogou a bola. (A bola sofreu uma mudança de lugar.)

Dependendo do evento descrito, a propriedade afetado é compatível com controle, ou seja, mesmo que não se tenha nenhum tipo de controle sobre o começo do processo, pode-se interromper seu desenrolar. Por exemplo:

(22) João recebeu uma herança.

João é afetado pelo processo de receber a herança, uma vez que, agora, ele possui alguma coisa, mas ele pode interromper esse processo, se ele quiser. Veja o exemplo em (23):

(23) João decidiu não mais receber a herança.

Entretanto em (24), não se pode atribuir controle a *João*:

(24) a. João recebeu um tapa.

b. * João decidiu não mais receber um tapa.

A sentença (24 b) é agramatical.

2.3.4. O Estativo

Finalmente, o estativo é a quarta propriedade. Quando uma proposição acarreta a um de seus argumentos que suas propriedades não se alterem durante um intervalo x , ou seja, que essas propriedades permaneçam as mesmas, durante um intervalo de tempo, tem-se a propriedade *estativo*:

(25) João leu *um livro*.

Em (25), podemos concluir que, se é verdade que *João leu um livro*, então é necessariamente verdade que o argumento *livro* não se modificou durante todo o processo de ler. Existem papéis temáticos de argumentos compostos pela propriedade de estativo que são compatíveis com outras propriedades semânticas, exceto o desencadeador e o afetado. Essas propriedades não são relevantes gramaticalmente, pois se encontram em uma posição muito baixa na hierarquia das propriedades semânticas, entretanto são pertinentes para uma descrição mais fina da estrutura conceitual semântica. Veja:

(26) *João* tem uma casa. (estativo/possuidor)

- (27) *João* adora festas. (estativo/experienciador)
- (28) Maria leu o *livro*. (estativo/objeto de referência)
- (29) Esse livro custa *cem reais*. (estativo/valor)
- (30) Essa casa apresenta *uma linda arquitetura*. (estativo/qualidade)
- (31) *João* mora em *Belo Horizonte*. (estativo/locativo)

No exemplo em (26), citado acima, entendida a noção de acarretamento como uma relação entre duas proposições, A e B, *se A é verdade, B é necessariamente verdade*; deve-se testar cada acarretamento desta forma: se é verdade que *João tem uma casa*, é necessariamente verdade que *João* não se modificou durante um tempo, enquanto possuía a casa. Com essa análise, pode-se atribuir o papel temático – ser estativo e ser um possuidor – ao argumento *João*. O mesmo se faz com as sentenças em (27), (28), (29), (30) e (31), encontrando, sempre, duas propriedades, compondo o papel temático dos argumentos em questão: *João, o livro, cem reais, uma linda arquitetura, Belo Horizonte*. CANÇADO (2003, 2005a) afirma, também, a existência das propriedades de ser a origem e de ser o alvo de algum processo:

- (32) *João* veio de *Paris*. (estativo/origem)
- (33) *João* foi para *Paris*. (estativo/alvo)

A autora salienta a necessidade de uma distinção entre ser um locativo e ser a origem ou alvo de um processo. Apesar de acarretarem a idéia de lugar, existe uma diferença entre essas propriedades. O alvo e a origem sempre ocorrem quando um outro

argumento traça uma trajetória, sendo deslocado, e o início e o final do processo é delimitado. Em (34):

(34) João atravessou *a piscina de uma ponta a outra*

a piscina é o locativo; *uma ponta* é o início do processo – a origem; e *a outra ponta* é o fim – o alvo.

O estativo é uma propriedade que coexiste com controle, ou seja, em alguns casos, pode-se interromper o estado em que alguém se encontra, mesmo que sobre o começo ou sobre o desenrolar do processo não se tenha o controle.

Veja os exemplos em (35) e em (36):

(35) a. *João* mora em B. H.

b. *João* decidiu não mais morar em B. H.

(36) a. *João* ama Maria.

b. *João* decidiu não mais amar Maria.

As sentenças (35 b) e (36 b) atestam que *João* tem o controle de interromper seu próprio estado.

Ilustramos, aqui, alguns exemplos de verbos polissêmicos, classificados, nesta pesquisa, com suas respectivas grades temáticas, conforme a teoria de CANÇADO (2003, 2005a). Dependendo do sentido apresentado, a rede temática vai variar. Veja um primeiro exemplo com o verbo *abaixar* e alguns de seus sentidos:

(37) a. João abaixou a prateleira.

b. Abaixar {desencadeador(controle), afetado}⁶

Outro exemplo é o *abaixar*, com o sentido de *humilhar*:

(38) a. Os colegas abaixam o João diante dos visitantes.

b. Abaixar: {causa/controlado, afetado/experenciador}

E segundo exemplo é o verbo *beber* e suas possíveis interpretações. Vejamos o *beber* em seu sentido canônico de *ingerir*:

(39) a. Maria bebe muita água.

b. Beber: {desencadeador/controlado, afetado}

Um segundo sentido é *beber* com o sentido de *consumir combustível*:

(40) a. O Tempra bebe muita gasolina.

b. Beber: {desencadeador, afetado}

E um terceiro sentido é o de *beber* como *receber*:

(41) a. Os discípulos bebiam as lições do mestre.

b. Beber: {afetado/experenciador, estativo}

⁶ Os parênteses em (controle) significam que a propriedade pode ou não aparecer, dependendo do evento descrito.

2.4. A Abordagem Cognitiva

A lingüística cognitiva surgiu nos finais da década de 70 e princípios da década de 80. A princípio, estudos em psicolingüística de ELEANOR ROSCH (1973, 1975) apontam para uma nova visão sobre a estrutura das categorias conceptuais, baseadas em protótipos. CANÇADO (2005b), reescrevendo a hipótese de ROSCH sobre a teoria dos protótipos, concebe os conceitos como estruturados de forma gradual, havendo um membro típico, ou seja, central das categorias⁷ e outros menos típicos ou mais periféricos. Por exemplo:

(42) O azul acalma.

Na sentença em (42), *azul* será classificado como um nome, pois as propriedades atribuídas a ele nesse contexto (por exemplo, aceita determinante) são propriedades típicas de nome. Concluimos, portanto, que *azul* prototipicamente comporta-se como um adjetivo, mas, nesse contexto, ele perde algumas propriedades de adjetivo e passa a ser classificado em outra classe de palavra.

O interesse pela visão cognitiva da linguagem, que reúne dissidentes da abordagem gerativista, LAKOFF & JOHNSON (1980, 2002) LANGACKER (1986), FAUCONNIER (1997), FAUCONNIER & SWEETSER (1996), dentre outros, é um movimento comprometido com a análise funcional, denominado semântica cognitiva. Em oposição à sintaxe gerativa e à semântica formal, os defensores da lingüística

⁷ Seguindo a definição de FRANCHI (1997), entenda-se por *categoria*, as propriedades ou os conjuntos estruturados de propriedades que servem à delimitação, em dado universo, das classes a que pertencem seus elementos (um princípio de classificação).

cognitiva afirmam ser a função cognitiva da linguagem objeto de uma pesquisa sistemática e coerente.

CANÇADO (2005b) apresenta algumas propostas mais conhecidas da semântica cognitiva e, entre elas, a que assume que o significado é construído a partir de estruturas conceituais convencionalizadas e que as categorias mentais das pessoas são formadas a partir da sua experiência de crescer e agir em um mundo. Portanto, para essa corrente teórica, a existência de palavras polissêmicas, assunto desta pesquisa, comprova que uma mesma palavra pode ser usada para diferentes significados pelo fato de já formarem uma categoria dentro do sistema conceitual. Na literatura, existe um número variado de estruturas conceituais e processos cognitivos. Entretanto, a metáfora é tema de especial interesse de todos os cognitivistas. Para eles, a metáfora é um processo cognitivo que dá origem à polissemia, ou seja, no nível lexical, a metáfora é responsável por estender outros significados aos itens lexicais.

Antes de seguirmos com o nosso estudo sobre metáforas, algumas terminologias são necessárias para esse estudo: CANÇADO (2005b), reafirmando LAKOFF & JOHNSON (1980, 2002), apresenta dois conceitos fundamentais ligados à metáfora: o conceito descrito, conhecido, geralmente, como domínio do alvo e o conceito comparado, conhecido como o domínio da fonte, onde a vida é comparada à viagem, por exemplo:

- (43) a. *Veja a que ponto chegamos.*
b. *Agora não podemos mais voltar atrás.*
c. *Nós estamos numa encruzilhada.*

O que compõe a metáfora *Vida É Uma Viagem* é o mapeamento⁸ entre uma fonte: a vida e um alvo: a viagem.

Na literatura, alguns estudiosos apresentam quatro características das metáforas, que são relevantes para o estudo desta pesquisa. São elas: convencionalidade, sistematicidade, assimetria e abstração.

2.4.1 Características das Metáforas

Os cognitivistas afirmam que as metáforas possuem propriedades e características sistemáticas que não são anomalias idiossincráticas. Podem ser divididas, em quatro, as características das metáforas: convencionalidade, sistematicidade, assimetria e abstração. A primeira característica está associada à questão da novidade da metáfora. Por exemplo, em:

(44) a. O presidente está escondendo o jogo.

b. A geladeira ronca a noite toda.

está claro que a metáfora em (44a) é mais velha que a metáfora da sentença em (44b), que é menos conhecida de todos os falantes. Segundo SEARLE (1979), a sentença em (44a) já se tornou uma expressão cristalizada na língua ou uma metáfora morta, e, portanto, já não seria considerada mais uma metáfora. Os cognitivistas, entretanto, são contra essa posição, assumindo que mesmo as metáforas mais conhecidas podem ser renovadas, sendo estruturadas metaforicamente.

⁸ Mapeamento: campo de comparações. Convém, neste ponto, fazer uma breve descrição entre o nome do mapeamento (*A Vida é Uma Viagem*) e o mapeamento em si, ou seja, o conjunto de correspondências entre os domínios *Viagem* e *Vida*.

A segunda característica, *sistematicidade*, é quando se estabelece uma associação entre vários dos conceitos participantes do mesmo campo semântico do alvo e da fonte. Por exemplo, LAKOFF & JOHNSON (1980, 2002) apontam a metáfora *Vida É Um Jogo de Azar*, onde muitos dos conceitos, envolvendo situações de jogo, são transportados para os conceitos, envolvendo *vida*:

- (45) a. Vou aproveitar a oportunidade.
 b. Ele foi um grande vencedor.
 c. Tenho uma carta na manga.
 d. Vou dar a última cartada e pronto.

A terceira característica é a *assimetria*, isto é, todas as comparações metafóricas funcionam em uma mesma direção. Por exemplo, a metáfora *Vida É Uma Viagem* é uma metáfora assimétrica e as comparações são estruturadas numa mesma direção, ou seja, da viagem para a vida; a direção oposta não ocorre. Se isso acontecer, o significado ficará bem diferente do significado da estrutura original. Exemplificando:

- (46) Nosso vôo nasceu (chegou).

A quarta e última característica é a *abstração*. Há uma tendência na língua de se usar, para construir uma metáfora, uma fonte mais concreta para descrever um alvo mais abstrato. Assim em *Vida É Um Jogo de Azar*, a experiência comum do nosso dia-a-dia é mais abstrata do que os tortuosos caminhos do jogo. Usa-se, portanto, o jogo, algo mais concreto, como fonte, para se descrever a vida, o alvo, que é mais abstrato.

Essa característica da *abstração* vai ser um importante foco de estudo para o fenômeno da polissemia, tratado nesta pesquisa.

Após essa descrição das características da metáfora, que realça o seu valor cognitivo, comentaremos algumas idéias sob o ponto de vista de LAKOFF & JOHNSON (1980, 2002) que ajudarão no suporte teórico deste trabalho.

Para LAKOFF & JOHNSON (1980, 2002), entende-se metáfora como um mapeamento, ou seja, como comparações. Essas comparações são representadas, como já foi dito, por um alvo (conceito descrito) e por uma fonte (conceito comparado). Esses autores afirmam a existência de metáforas básicas, que seriam universais⁹, por exemplo, *Mente É Um Recipiente, Vida É Uma Viagem, Tempo É Dinheiro*. Partindo dessas metáforas, cada comunidade lingüística elabora os esquemas de base, alargando-os a outras metáforas conceptuais, onde já é possível reconhecer uma certa semelhança entre línguas que partilham valores culturais mais abrangentes. Fazemos uma comparação entre algumas línguas indo-européias mais conhecidas, como o português, o inglês e o francês.

(47) Tempo É Dinheiro.

- a. Poupar tempo, gastar tempo.
- b. I save time, to spend time.
- c. Sauver du temps, dépenser du temps.

LAKOFF & JOHNSON assumem que as metáforas, armazenadas na nossa mente, refletem-se em expressões lingüísticas, possíveis, por existirem metáforas no

⁹ Maiores detalhes sobre o processo de conceptualização de base metafórica universal, ver LAKOFF (1980, 1985, 1987, 1993, 2002).

sistema conceptual de cada um de nós, embora não estejamos conscientes delas. No entanto, isso não impede que usemos esse recurso ao usar a língua, da mesma forma que usamos os princípios fonológicos ou as regras de sintaxe. Por exemplo, a metáfora conceptual *Vida É Uma Viagem* reflete-se em expressões lingüísticas como:

(48) *Veja a que ponto chegamos.*

(49) *Nós estamos numa encruzilhada.*

(50) *Nossa relação não vai chegar a lugar nenhum.*

Resumindo o que foi dito até agora, a análise das metáforas conceptuais, sob o ponto de vista cognitivista, revela que partimos dos modelos do mundo concreto para conceptualizarmos fenômenos mais abstratos, ou seja, a teoria cognitivista defende a existência de um esquema de imagens como um modelo que propõe a existência de um protótipo central, do qual originam as diferentes expressões lingüísticas, que não são aleatórias, mas formam um sistema coerente. A partir dessa maneira de interpretar a metáfora, vejamos dois exemplos mais freqüentes de esquema de imagens: *o esquema do recipiente* e *o esquema da trajetória*.

As metáforas de recipientes, que se identificam como sendo um dos grupos de metáforas ontológicas, originam-se na experiência que temos de o nosso corpo funcionar como um recipiente, ou seja, ocupamos um lugar limitado no espaço.

O resultado é um esquema abstrato de um recipiente, representado por uma imagem muito simples, em que existe uma entidade dentro de um lugar limitado e associado a algumas regras que decorrem da nossa experiência sobre o mundo.

(51) Recipiente

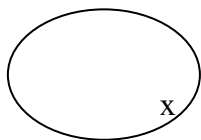


Figura 1: JOHNSON (1987: 23)

Vejam-se os exemplos:

(52) O corpo é *um recipiente*.

a. Você está na corrida no domingo?

(53) O tempo é *um recipiente*.

a. No meio da corrida, a minha energia acabou.

Outros exemplos mostram que conceptualizamos nosso campo visual como um recipiente e o que vemos como se estivesse dentro desse recipiente. A metáfora conceptual básica, *Campos Visuais São Recipientes*, dá origem a metáforas lingüísticas, como:

(54) De longe, consigo ver todas as suas virtudes.

(55) Na véspera das provas, vejo toda a matéria.

O esquema da trajetória é outro exemplo de esquema de imagens. Ele reflete, também, aspectos importantes da experiência humana.

CANÇADO (2005b), reafirmando JOHNSON (1987), mostra que o esquema de trajetória, baseado em nossas experiências de nos movermos no mundo e de vermos os

movimentos de outros corpos, contém um ponto de começo (A) e de fim (B) e uma seqüência de pontos contínuos, ligando essas duas extremidades.

(56) O Esquema da trajetória



Figura: Johnson (1987: 114)

Por exemplo, a idéia que temos de origem–percurso–destino é algo que apreendemos, não por compreendermos um conjunto de regras, mas, através de várias experiências de nossa vida. E esse esquema de trajetória é metaforicamente elaborado para outros domínios mais abstratos. Veja em (57):

(57) As grandes caminhadas começam com o primeiro passo.

CANÇADO (2005b) afirma que esses esquemas se aplicam no desenvolvimento de itens polissêmicos. Por exemplo, o verbo *vir* tem o sentido básico, mais concreto de *traçar alguma trajetória* que, em composição com seus argumentos, passa para um domínio mais metafórico. Pode-se afirmar que a partir da metáfora, instaura-se a polissemia, essencial para que se realize qualquer processo de mudança lexical, que exige variação e continuidade. Portanto, a metáfora, em termos cognitivos, é a chave para se entender a criação da polissemia e do fenômeno de trocas semânticas.

Aplicam-se, portanto, na descrição e análise do *corpus*, composto por verbos polissêmicos, no Capítulo 3, algumas idéias de LAKOFF & JOHNSON (1980, 2002),

para descrever o fenômeno dos verbos polissêmicos, sem pretender, entretanto, aprofundar-se nessas idéias.

CAPÍTULO 3

DESCRIÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS

3.1 Polissemia e Processo Cognitivo

Temos como primeira hipótese desta análise que a existência de polissemias parece não estar presa a uma organização lexical, mas, sim, a um processo cognitivo mais amplo, a um processo de criação de metáforas, que se aplica a quase todos os verbos da língua. Ou seja, os vários sentidos que um verbo apresenta não vão estar marcados no léxico, mas serão produto de um processo cognitivo de criação de metáforas. Metáfora aqui não será entendida como um instrumento adicional usado em linguagens poéticas ou literárias. A proposta aqui apresentada segue de perto as idéias de LAKOFF & JOHNSON (1980, 2002), apresentadas de uma maneira breve no capítulo anterior, quando os autores afirmam que a metáfora é uma maneira comum de se pensar e falar sobre o mundo e tem uma enorme relevância na linguagem cotidiana; ou seja, para eles, nós concebemos o mundo de uma maneira metafórica. As metáforas, armazenadas na nossa mente, refletem-se, portanto, em expressões lingüísticas. Para se ter uma idéia de como essas expressões lingüísticas refletem experiências nossas do dia-a-dia, examinemos, por exemplo, como a metáfora *Tempo É Dinheiro* (onde tempo é entendido como um bem valioso como o dinheiro) manifesta-se no PB contemporâneo, de uma maneira tão corriqueira:

- (1) Não vou *perder meu tempo* com você.
- (2) Eu *perdi minha vida* nesta relação.
- (3) Ainda temos *muita coisa para vivermos juntos*.
- (4) *Investi minha vida* nesta pesquisa.
- (5) *Não jogue fora* sua adolescência.

A afirmação dos autores que a metáfora está presente na nossa maneira de falar sobre o mundo, pode ser comprovada, empiricamente, pelos dados encontrados nesta pesquisa. Fez-se, a princípio, um levantamento de setenta e seis verbos. Observou-se que, a grande maioria de verbos bem comuns do PB apresenta mais de um significado, tendo uma gradação do sentido mais concreto até o sentido mais abstrato¹⁰. O sentido mais concreto, geralmente, relaciona-se a sentidos mais físicos e de movimento. As sentenças em (6), com o verbo *afogar*, ilustram essa afirmação:

- (6) a. O marido *afogou a mulher* no rio.
- b. A mulher *se afogou* no rio.
- c. A cozinheira *afogou o arroz*.
- d. *O carro afogou* e agora não quer pegar.
- e. Curió *afogou suas desilusões* na cachaça.

Em (6a e b), o verbo *afogar* possui o significado canônico de *matar* e a contra-parte ergativa de *morrer*, respectivamente. Estamos assumindo que o sentido canônico é aquele que o falante, em geral, associaria à palavra *afogar*, fora de qualquer contexto

¹⁰ Evidentemente, nossos exemplos não esgotam as possibilidades metafóricas de cada verbo analisado. Entretanto, mostram a grande capacidade produtiva e sistemática da construção de polissemias a partir das classes de verbos analisadas do PB.

sentencial. A partir desse sentido, que seria a fonte, é que se constroem os outros sentidos metafóricos que seriam os alvos. Perceba que a alteração dos significados depende da composição do verbo com seus argumentos, tanto internos quanto externo, e ainda adjuntos¹¹. Portanto, daqui para frente, vamos assumir essa composição na construção dos vários significados dos verbos. Em (6c), *afogar*, em composição com seu argumento interno *arroz*, passa a ter o sentido de uma etapa de cozinhar. Em (6d), *afogar*, em composição com seu argumento externo *o carro*, já passa a significar *enguiçar*. Em (6e), o significado de *afogar*, em composição com seu argumento interno *suas desilusões*, passa a ser sinônimo de *esquecer*. Entretanto, todos os sentidos são construídos a partir da idéia comum de se afundar algo em algum recipiente com algum tipo de conteúdo e ter um estado final¹². Vamos chamar a essa idéia comum que relaciona os vários sentidos de uma polissemia de idéia relacional. Em (6a e b), a mulher se afunda em algum recipiente, que é o rio e se torna morta; em (6c), o arroz se afunda em algum recipiente, que é o óleo e se torna cozido; em (6d), o carro se afunda em algum recipiente, que é a gasolina e se torna desligado; em (6e), Curió afunda as suas tristezas em algum recipiente, a cachaça, e as tristezas se acabam.

Vejamos um outro exemplo com o verbo *pegar*:

- (7) a. *Maria pegou a saia.*
 b. *Maria pegou um táxi.*
 c. *Maria pegou muita chuva.*
 d. *A notícia pegou Maria desprevenida.*

¹¹ Essa proposta de composição do sentido do verbo com argumentos e adjuntos segue a proposta de Cañado (2003, 2005a) aqui assumida e apresentada no capítulo 2.

¹² Provavelmente, cada idéia relacional estará inserida em uma estrutura cognitiva de algum tipo de esquema de imagens, como proposto por Johnson (1987): esquema do recipiente, esquema da trajetória, etc. Entretanto, essa análise mais aprofundada do processo cognitivo não será desenvolvida aqui, ficando a idéia para uma futura expansão do trabalho.

e. De quando em quando, ela *pegava um comentário*.

f. *A tristeza pegou Maria de vez*.

Em (7a), o verbo *pegar* possui o significado canônico de *segurar com a mão*. Em (7b), o significado de *pegar* é *entrar em um veículo*. Em (7c), *pegar* é sinônimo de *receber*. Em (7d), *pegar* passa a ser usado com o sentido de *surpreender*. Em (7e), *pegar* passa a ter o significado de *perceber* e em (7f), *pegar* tem o significado de *ficar triste*. Em todos os exemplos, tem-se a idéia relacional de algo que envolve algo. Em (7a), Maria envolveu a saia com a mão; em (7b), o táxi envolveu Maria; em (7c), a chuva envolveu Maria; em (7d e e), a notícia e o comentário envolveram Maria; em (7f), a tristeza envolveu a alma de Maria.

Nos dados desta pesquisa, temos que em setenta e seis verbos, cinquenta e sete apresentam múltiplos significados, como os exemplos acima, restando dezenove que apresentam, apenas, um significado. Em geral, esses verbos que apresentam somente um significado são verbos relacionados a estados psicológicos e cognitivos. Elaboraremos, mais à frente, uma hipótese para essa constatação. Mas com esses resultados, podemos questionar a ocorrência de polissemias relacionadas somente a entradas lexicais específicas, e propor que a ocorrência polissêmica está relacionada a um processo cognitivo de criação de metáforas, mais geral e produtivo.

Entretanto, tem que existir algum tipo de sentido canônico do item lexical, que sirva como origem do processo metafórico. Esse processo de criatividade, que é acionado a todo momento, não pode ser tão livre, tem que ter um ponto de partida: é óbvio que algum tipo de conhecimento prévio deve existir, armazenado, em nossas mentes, senão poderíamos empregar, por exemplo, a palavra *digerir* no sentido de *voar*,

como observa Perini (1999). É esse sentido canônico que estará marcado no léxico.

Segundo Lakoff & Turner (1989, apud Cançado, 2005b:100):

"As metáforas nos permitem entender um domínio de experiência em termos de outro. Para existir essa função, devem existir alguns tipos de conceitos básicos, alguns tipos de conceito que não são entendidos de uma maneira totalmente metafórica, para servirem de domínio de fonte." (Lakoff & Turner, 1989: 135 - *tradução da autora*)

Como uma primeira proposta, temos, pois, que existe um sentido canônico estocado no léxico, mas a criação de outros sentidos relacionados, ou seja, o processo polissêmico se dá a partir de um processo cognitivo de criação de metáforas; esses vários sentidos não estão marcados no léxico, mas são produzidos a partir de uma idéia em comum, partilhada pelas várias ocorrências apresentadas pela polissemia, a que chamamos aqui de idéia relacional. É um processo muito produtivo e muito usual nas línguas, visto os dados mostrados por esta pesquisa para o PB.

3.2 Construção Metafórica: do concreto para o abstrato

Como segunda hipótese, vamos explorar a idéia de que o sentido mais canônico, aquele que estaria marcado no léxico, geralmente, relaciona-se a sentidos mais concretos, mais físicos e de algum tipo de movimento. Lakoff & Turner (1989) afirmam que há uma tendência nas línguas de uma metáfora típica usar uma fonte mais concreta para descrever um alvo mais abstrato. Segundo os autores, a idéia básica é que devido à nossa experiência física de ser e de agir no mundo, formamos estruturas conceituais básicas com as quais organizamos o nosso pensamento sobre outros domínios mais abstratos.

Se a hipótese dos autores for verdadeira, é de se esperar que os verbos que denotem propriedades mais físicas e de movimento tenham um processo produtivo de criação de metáforas maior que verbos que já denotem propriedades mais abstratas e estativas. Realmente, os dados desta pesquisa comprovam que existe uma tendência da língua em seguir essa afirmação. Analisando a totalidade dos verbos, temos que verbos que denotam processos abstratos, como por exemplo, verbos psicológicos e cognitivos não apresentam um processo metafórico produtivo. Isso pode ser corroborado pelo número de ocorrências de significados encontrados nessas classes, que se restringe a apenas um.

Vejamos, primeiramente, alguns verbos do tipo psicológico, ou seja, verbos que denotam algum tipo de experiência psicológica e apresentam apenas um significado¹³. Algumas sentenças extraídas do corpus deste trabalho corroboram a existência de apenas um significado para esses verbos. Em sentenças com os verbos: *amar* (*gostar muito*), *aborrecer* (*incomodar*), *assustar* (*causar medo*), *comover* (*emocionar*), *decepcionar* (*desiludir*), *desejar* (*querer*), *detestar* (*odiar*), *temer* (*ter medo*), *preocupar* (*causar preocupação*), por exemplo, não se consegue obter outro tipo de significado que o apontado entre parênteses, em vários dos exemplos pesquisados, independentemente dos argumentos serem entidades mais físicas ou mais abstratas:

- (8) a. Maria ama jiló.
- b. Nós amamos notícias alegres.
- c. João ama essa menina.
- d. Carolina ama geografia.

¹³ Consultar o apêndice, para maiores detalhes sobre as sentenças em que esses verbos ocorrem, sobre o sentido desses verbos e sobre a rede temática atribuída a eles.

- e. O povo ama a liberdade.
- (9) a. O rapaz aborrecia as pessoas.
b. O rapaz aborrecia o gato com uma cordinha.
c. A sua conversa me aborrece.
d. Esse assunto aborrece todo mundo.
e. Minhas perguntas aborrecem o professor.
f. A inveja me aborrece.
- (10) a. Os moleques assustaram Maria.
b. Você assusta a criança com esse chapéu.
c. Um gato preto me assustou.
d. Os trovões me assustam.
e. A pobreza assusta muita gente.
f. Essas idéias assustam Maria.
- (11) a. O pregador comoveu os fiéis.
b. O acidente comoveu toda a cidade.
c. Sua tristeza me comoveu.
d. A música comoveu a platéia.
- (12) a. Ele decepcionou todo mundo.
b. O campeão decepcionou a torcida.
c. A vida decepcionou Maria.
d. A resposta decepcionou a namorada.
- (13) a. Eu desejo o sucesso.
b. Os alunos desejaram notas boas.
c. Maria deseja uma bolsa de couro.

d. João deseja uma bolsa de estudos.

(14)a. Maria detesta jiló.

b. Nós detestamos notícias tristes.

c. João detesta essa idéia.

d. Carolina detesta geografia.

e. O povo detesta ditadura.

(15)a. Maria teme as pessoas.

b. João teme as abelhas.

c. João teme a liberdade.

d. As pessoas temem amar.

O mesmo ocorre com a classe dos verbos do tipo cognitivo, ou seja, verbos que denotam algum tipo de processo cognitivo; também, esses verbos: *aprender* (*adquirir conhecimento*), *entender* (*compreender*), *entender-se* (*entrar em acordo*), *achar*₁¹⁴ (*pensar*), entre outros, apresentam um único significado, em todas as ocorrências encontradas:

(16) a. As crianças aprendem a lição.

b. Onde você aprendeu inglês?

c. João aprendeu que as plantas custam pouco.

(17) a. Maria entendeu a explicação.

b. Você entendeu o que eu falei.

c. Pelo menos, alguém me entende.

¹⁴ O verbo *achar* está sendo tratado como uma homonímia, ou seja, duas entradas lexicais, pois o outro sentido de *achar*₂ (*encontrar*) não parece ter relação com o sentido de *achar*₁ (*pensar*).

- d. Pelo que disse ontem, entendi que está magoado.
- (18) a. Maria se entendeu com Dr. Marcos.
b. O Brasil se entendeu com a Argentina.
- (19) a. Eu achei que você não vinha.
b. João achou que a prova estava difícil.

Ao contrário, verbos que denotam movimentos ou processos mais físicos, em geral, apresentam muitos sentidos metafóricos. Vejamos exemplos que mostram o número de ocorrências apresentadas por alguns desses verbos que denotam propriedades físicas e de algum tipo de movimento¹⁵, como, por exemplo, *abafar* (8 significados), *queimar* (8 significados), *deixar* (7 significados), *vir* (7 significados), *andar* (6 significados), *colocar* (5 significados), entre outros¹⁶:

- (20) a. Maria abafa o chá. (cobrir para conservar o calor)
b. Os vizinhos abafaram o fogo. (cobrir para deter o fogo)
c. O menino abafou o som. (impedir de ser ouvido)
d. Esse calor de Belo Horizonte abafa a gente. (sufocar)
e. Esse menino abafou alguns trocados. (roubar)
f. Eles abafaram o escândalo. (esconder)
g. O orgulho abafa os bons sentimentos. (ocultar)
h. No outdoor do Nazaré, Carolina abafou. (fazer sucesso)

¹⁵ Para esses verbos que denotam propriedades mais físicas, existem alguns dados que fogem à nossa hipótese, entretanto, são dados que se encaixam em outras generalizações, que mostraremos mais à frente.

¹⁶ Consultar o apêndice, para maiores detalhes sobre as sentenças em que esses verbos ocorrem, sobre os possíveis sentidos desses verbos, sobre a idéia relacional e sobre a rede temática atribuída a eles.

Nos exemplos em (20), temos a idéia relacional de *encobrir física ou psicologicamente*.

- (21) a. Paulo queimou a plantação. (pôr fogo)
- b. A passadeira queimou minha saia. (danificar)
- c. O fogo queimou o dedo de Paulo. (fazer queimaduras)
- d. Maria queima o vaso modelado. (cozer)
- e. O motor do carro queima gasolina. (consumir)
- f. Mário queimou o estoque da loja. (comercializar)
- g. Este acontecimento queimou sua imagem. (fazer perder o prestígio)
- h. João se queima com facilidade. (zangar-se)

Em (21), podemos recuperar a idéia relacional de *mudar de aspecto físico ou psicológico* em todos os exemplos.

- (22) a. Maria deixa o guardanapo na mesa. (largar)
- b. Maria deixa o envelope em cima do balcão. (colocar)
- c. Maria deixa a sala. (sair)
- d. Maria deixou o João. (abandonar)
- e. O sol deixa manchas na pele. (causar)
- f. João deixou a casa para a filha. (dar como herança)
- g. João deixou muitos livros. (produzir)

Em (22), existe uma idéia relacional de *ênfoque do ponto final*.

- (23) a. Todos vieram à festa. (dirigir-se ao local em que está o ouvinte)
b. Ele já veio da França. (regressar)
c. A chuva veio antes do esperado. (chegar - tempo, ocasião)
d. A maioria das palavras portuguesas vem do latim. (proceder)
e. Ele vem de família pobre. (descender)
f. Depois da praça, vinha a pracinha. (estar situada)
g. Essa idéia me veio à cabeça. (aparecer)

Também, podemos recuperar no verbo *vir* a idéia relacional de *traçar alguma trajetória física ou abstrata*.

- (24) a. Maria anda muito. (caminhar)
b. As borboletas andam quase sempre aos pares. (movimentar-se)
c. Ela anda de charrete. (ser transportado)
d. Maria anda de botas. (usar)
e. João anda com mulheres. (envolver-se)
f. Os negócios andam bem. (progredir)

Em (24), temos com a idéia relacional *seguir uma trajetória física ou abstrata*.

- (25) a. A irmã colocou o roupão no cabide. (pôr)
b. O governo colocou seu irmão na presidência do banco. (encaixar)
c. João colocou uma loja no shopping. (abrir)
d. Os vizinhos colocaram o som muito alto. (ligar)

e. Maria colocou os problemas da firma para João. (expor)

Em (25), apresenta-se a idéia relacional de *percurso físico e abstrato de algo até o ponto final*.

3.3 Rede Temática e Processo Metafórico

Uma outra hipótese que surgiu da nossa análise foi a relação da rede temática dos verbos com o processo metafórico. Relembrando as propriedades semânticas, consideradas relevantes na descrição deste trabalho, conforme CANÇADO (2003, 2005a), vejamos:

- a) ser desencadeador de ação processo – *desencadeador*; (des)
- b) ser afetado pela ação processo – *afetado*; (afet)
- c) ter controle sobre a ação processo – *controle*; (cont)
- d) ser experienciador de um processo – *experienciador*; (exp)
- e) ser um estativo – *estativo*; (est)
- f) ser o objeto sobre o qual se faz referência - *objeto de referência*; (obj. ref)
- g) ser fonte ou alvo de um processo – *fonte alvo*
- h) ser o lugar onde algo ou algum processo está situado - *locativo*; (loc)

Vejamos como se dá a representação da estrutura argumental, por exemplo, do verbo *acompanhar*. A idéia relacional pode ser entendida como ir junto, de uma

maneira física ou abstrata, e aparecem nove polissemias nítidas, indo da mais física para a mais abstrata:

(26) a. Acompanhar: conduzir

João acompanha a filha ao cemitério. {des/cont, afet, alvo}

b. Acompanhar: ir atrás de

Paulo acompanha o circo pelo mundo. {des/cont, afet, loc}

c. Acompanhar: fazer acompanhamento musical

Rita acompanha a música. {des/cont, afet}

d. Acompanhar: observar

Ernesto acompanhava a faca atentamente. {des/exp/cont, est/loc}

e. Acompanhar: observar a evolução de

Ele acompanha as fofocas diariamente. {des/exp(cont), est/obj.ref.}

f. Acompanhar: preocupar

Essas idéias me acompanham sempre. {est, afet/exp}

g. Acompanhar: concordar

A mulher acompanhava a opinião do marido. {afet/exp(cont), est}

h. Acompanhar: seguir

O mudo acompanhava as palavras atentamente. {afet/exp(cont), est}

i. Acompanhar: estar na mesma direção

A estrada acompanha o rio. {est, est/obj.ref}

A nossa hipótese é que a construção de metáforas, por exemplo, em verbos de causação, como *acompanhar*, acontece a partir do desencadeador, chegando às

propriedades de afetado, experienciador ou estativo, à medida que os conceitos dos verbos ficam mais abstratos. Esse tipo de comportamento também evidencia que o processo metafórico tem a direção do mais físico para o mais abstrato, pois desencadeadores são propriedades semânticas relacionadas a ações e causações, portanto, a processos físicos no mundo. À medida que as metáforas vão se construindo, desaparecem as propriedades de desencadeadores e as propriedades semânticas envolvidas nos papéis temáticos atribuídos aos verbos são as de afetação e as de estados, propriedades mais abstratas, que não envolvem movimento. O interessante a observar é que o inverso não acontece, ou seja, a construção de metáforas não acontece a partir do afetado, experienciador ou estativo, chegando a desencadeador. Para exemplificar essas observações, vejamos os exemplos, primeiramente com um verbo processual, *morrer*, em que se tem apenas afetado como propriedade semântica e como idéia relacional, *interromper um processo*, física ou abstratamente:

(27) a. Morrer: cessar de viver

João Paulo II morreu. {afet}

b. Morrer: parar de funcionar

Na corrida, o carro morreu. {afet}

c. Morrer: deixar de ser importante

O João morreu para mim. {afet, est/exp}

E um verbo estativo como *agüentar*, em que a idéia relacional é *resistir*, física ou abstratamente, e se têm somente tipos de estados:

(28) a. Agüentar: resistir

O sofá não agüentou o gordo. {est, est/obj.ref}

b. Agüentar: durabilidade

O arroz agüenta até o fim do mês. {est, alvo}

c. Agüentar: suportar afetivamente

Maria agüentou Tônico por muito tempo. {est/exp(cont), est/obj.ref}

Constatamos com os exemplos dos verbos acima e outros da mesma natureza, que não é possível construir metáforas com desencadeadores, a partir de verbos processuais ou estativos; e mesmo, a partir de estados, construir metáforas com afetados (ver o apêndice). Portanto, existe uma relação da direção da construção de metáforas e a ordem de ocorrência de papéis temáticos. Importante realçar que essa ordem acompanha as hierarquias temáticas propostas na literatura, em que sempre o agente (ou desencadeador) está em uma posição mais alta que pacientes e temas (afetado), que por sua vez estão em uma posição mais alta que os estados (estativo, objeto de referência, alvo, fonte, locativo etc.)¹⁷. Ou seja, uma ação (desencadeadores) causa um processo ou um estado; um processo (afetados) se torna um estado; e o estado já se encontra no ponto final da escala.

Com as afirmações acima, então, é de se esperar que os verbos que apresentem redes temáticas com a propriedade de afetado e de estativo tenham um número menor de ocorrências polissêmicas do que verbos que tenham, em suas redes temáticas, a propriedade de desencadeador; e que, por sua vez, os verbos que tenham somente propriedades semânticas estativas como papéis temáticos apresentem ainda um número menor de construções metafóricas que os verbos com afetados. Essa hipótese tem uma

¹⁷ Sobre hierarquia temática e os dados do PB, ver Cançado (2003, 2005a).

relação direta com a segunda hipótese levantada nesta análise que é a de se esperar que os verbos que denotem propriedades de movimentos mais físicos tenham um processo produtivo de criação de metáforas maior do que verbos que já denotem propriedades mais abstratas ou estáticas. E como já mostramos para as classes de verbos de movimento e de experienciadores (psicológicos e cognitivos), nos exemplos acima, realmente parece ser essa a tendência da língua. Entretanto, vão aparecer alguns contra-exemplos nas classes de processos e ações; porém, isso se deve a características isoladas do tipo específico do verbo. É importante realçar que não estamos estipulando um princípio geral, sem regras mais específicas que o anule. Estamos tentando fazer uma descrição abrangente de como o PB, em geral, parece se comportar em relação à produção de polissemias.

Mostraremos aqui como os nossos dados se apresentam de acordo com a divisão por tipos de papéis temáticos e pelo número de ocorrências metafóricas. Chamaremos de verbos de causação, aqueles que têm um desencadeador em sua rede temática; chamaremos de verbos processuais, aqueles que têm afetados e estados em sua rede temática; e, finalmente, chamaremos de verbos de estados, aqueles que apresentam só tipos específicos de estados. Vejamos, então, a relação classe de verbos, redes temáticas e número de polissemias¹⁸.

3.3.1 Verbos de Estado

Primeiramente, vamos mostrar a classe de verbos que denotam ESTADOS. Indicaremos a rede temática do sentido canônico do verbo e associaremos essa informação ao número de ocorrências polissêmicas:

¹⁸ Para as sentenças com respectivos sentidos, ver o apêndice.

(29) Desejar: querer

a. Desejar: {est/exp(cont), est/obj.ref.}

b. 1 significado

(30) Detestar: odiar

a. Detestar {est/exp(cont), est/obj.ref.}

b. 1 significado

(31) Amar: gostar muito

a. Amar {est/exp(cont), est/obj.ref.}

b. 1 significado

(32) Temer: ter medo

a. Temer {est/exp(cont), est/obj.ref.}

b. 1 significado

(33) Acreditar: crer

a. Acreditar {est/exp/cont, est/obj.ref.}

b. 1 significado

(34) Esperar: ter expectativa em relação a alguma coisa

a. Esperar {est(cont), est/obj.ref.}

b. 2 significados

(35) Habitar: algo está localizado em algum lugar

a. Habitar {est(cont), est/loc}

b. 2 significados

(36) Agüentar: ter resistência em relação a alguma coisa

a. Agüentar {est, est/obj.ref.}

b. 3 significados

(37) Brilhar: aparecer com destaque

a. Brilhar {est}

b. 3 significados

Reparem que os verbos de estados apresentam de uma a três ocorrências distintas de significado, o que é relativamente um número reduzido.

3.3.2 Verbos de Processo

Vejamos, em seguida, os verbos que denotam PROCESSOS. Adotaremos o mesmo procedimento acima; indicaremos a rede temática do sentido canônico e associaremos essa informação ao número de ocorrências polissêmicas:

(38) Aprender: adquirir conhecimento

a. Aprender {afet/exp(cont), est/obj. ref.}

b. 1 significado

(39) Entender: compreender

a. Entender {afet/exp(cont), est/obj. ref.}

b. 1 significado

(40) Entender-se: entrar em acordo, comunicar-se

a. Entender-se {afet/exp(cont), afet(cont)}

b. 1 significado

(41) Achar₁: pensar

- a. Achar {afet/exp/cont, est/obj. ref.}
 - b. 1 significado
- (42) Achar₂: encontrar
- a. Achar {afet(cont), est/obj. ref.}
 - b. 1 significado¹⁹
- (43) Desmaiar: perder os sentidos
- a. Desmaiar {afet}
 - b.1 significado
- (44) Surgir: aparecer fisicamente
- a. Surgir {afet, est/loc}
 - b. 2 significados
- (45) Sumir: desaparecer da visão
- a. Sumir {afet(cont)}
 - b. 2 significados
- (46) Apanhar₂: levar surra
- a. Apanhar {afet(cont)}
 - b. 2 significados²⁰
- (47) Escutar: ouvir
- a. Escutar {afet/exp(cont), est}
 - b. 2 significados
- (48) Avistar: ver
- a. Avistar {afet/exp(cont), est}

¹⁹ Estamos assumindo que achar₁ e achar₂ são palavras homônimas e, portanto, teriam duas entradas lexicais. Isso se dá, por não termos conseguido achar um idéia relacional que estivesse sustentando a nossa hipótese de polissemia.

²⁰ Estamos assumindo dois itens homônimos para *apanhar*: *apanhar*₁ que tem como significado relacional *pegar*, e *apanhar*₂ que tem como significado relacional *sofrer alguma coisa*.

b. 2 significados

(49) Nascer: vir ao mundo

a. Nascer {afet}

b. 3 significados

(50) Morrer: cessar de viver

a. Morrer {afet}

b. 3 significados

(51) Vencer: ganhar

a. Vencer {afet(cont), est/obj. ref.}

b. 3 significados

(52) Ver: enxergar

a. Ver {afet(cont), est}

b. 3 significados

(53) Perceber: distinguir pela visão

a. Perceber {afet/exp(cont), est}

b. 3 significados

(54) Sofrer: estar acometido de doença ou dores

a. Sofrer {afet(cont)}

b. 4 significados

(55) Sentir: experimentar sensação

a. Sentir {afet(cont), est}

b. 5 significados

(56) Cair: deslocar para baixo

a. Cair {afet (cont)}

b. 6 significados

Com a listagem acima, podemos tirar algumas conclusões. Primeira, em relação aos verbos de estado, em geral, os verbos de processo apresentam um maior número de ocorrências polissêmicas; temos verbos que apresentam de um até seis significados. O interessante a realçar é que a maioria dos verbos que apresentam somente um significado, além de serem processuais, são também verbos cognitivos (*aprender, entender, achar...*). Seguindo a nossa hipótese, esses verbos já se encontram em um nível mais abstrato, daí a pequena produtividade metafórica. Um outro fator redutor de produtividade metafórica é a especialização do verbo, ou seja, verbos mais específicos, menos utilizados têm uma menor ocorrência metafórica. Veremos isso mais à frente, também com os verbos de causação. Esse fator aparece em verbos como *desmaiar*, que apresenta apenas um significado. Uma outra observação é a respeito de verbos de percepção corporal, como *sofrer, ver, sentir, perceber* etc. que apresentam mais de um significado. Esses verbos apresentam um bom grau de produtividade metafórica, segundo a proposta de SWEETSER (1990, apud CANÇADO, 2005b). A autora afirma que existe uma tendência nas línguas indo-européias de verbos de percepção corporal incorporarem a metáfora do domínio físico para o domínio mental. A hipótese da autora é que a metáfora subjacente básica - *corpo/mente* - conduz a trajetória das mudanças semânticas em muitas línguas. Por exemplo, em PB, o verbo *escutar* pode ter dois significados: o sentido canônico de *ouvir* e o sentido ampliado metaforicamente de *atender os conselhos*. Assim como temos o verbo *see* para o inglês, que pode ter o sentido de *ver* e o sentido metafórico de *entender*. E, como última observação a respeito dos verbos de processo, vemos que o verbo *cair* apresenta seis significados, um número

relativamente grande para um verbo processual. Entretanto, se observarmos a natureza desse verbo, vemos que se trata de um movimento físico, ainda que processual; e como tal, um bom desencadeador de metáforas, segundo nossas hipóteses.

3.3.3 Verbos de Causação

Vejam os verbos de CAUSAÇÃO. Essa classe, pela nossa hipótese, deve ser uma classe muito produtiva metaforicamente, pois se trata de verbos que desencadeiam processos, e, como consequência, movimentos físicos em seu sentido mais canônico. Começaremos pelos mais prototípicos, ou seja, os que apresentam um grande número de metáforas. Indicaremos, também, o sentido canônico do verbo e respectiva rede temática e associaremos essas informações ao número de ocorrências polissêmicas:

(57) Acompanhar: conduzir

a. Acompanhar {des/cont, afet, alvo}

b. 9 significados

(58) Queimar: pôr fogo

a. Queimar {des/cont, afet}

b. 8 significados

(59) Abafar: cobrir para conservar o calor

a. Abafar {des(cont), est}

b. 8 significados

(60) Deixar: largar

- a. Deixar {des(cont), afet, alvo}
 - b. 7 significados
- (61) Vir: dirigir-se ao local em que está o ouvinte
- a. Vir {des(cont), est/loc}
 - b. 7 significados
- (62) Apanhar: pegar
- a. Apanhar {des(cont), afet}
 - b. 6 significados
- (63) Andar: caminhar
- a. Andar {des/cont, est}
 - b. 6 significados
- (64) Acertar: pôr de maneira certa
- a. Acertar {des/cont, afet}
 - b. 6 significados
- (65) Embrulhar: enrolar
- a. Embrulhar {des/cont, afet, instrumento}
 - b. 5 significados
- (66) Encher: tornar cheio
- a. Encher {des(cont), afet}
 - b. 5 significados
- (67) Afogar: matar ou morrer por asfixia
- a. Afogar {des(cont), afet}
 - b. 5 significados
- (68) Colocar: pôr

- a. Colocar {des/cont, afet,alvo}
 - b. 5 significados
- (69) Enterrar: pôr debaixo da terra
- a. Enterrar {des/cont, afet, alvo}
 - b. 5 significados
- (70) Subir: levantar
- a. Subir {des/cont, afet/deslocado}
 - b. 5 significados
- (71) Abandonar: desamparar
- a. Abandonar {des/cont, afet}
 - b. 4 significados
- (72) Afundar: fazer ir ao fundo
- a. Afundar {des(cont), afet, alvo}
 - b. 4 significados
- (73) Trabalhar: ocupar-se em algum ofício
- a. Trabalhar {des/cont, afet}
 - b. 4 significados
- (74) Atirar: disparar arma de fogo
- a. Atirar {des/cont, afet}
 - b. 4 significados
- (75) Curtir: preparar o couro ou alimento
- a. Curtir {des/cont, afet}
 - b. 4 significados
- (76) Esgotar: esvaziar

- a. Esgotar {des(cont), afet}
 - b. 3 significados
- (77) Aposentar: afastar-se do serviço ativo
- a. Aposentar {des/cont, afet, tempo}
 - b. 3 significados
- (78) Cozinhar: preparar ao fogo
- a. Cozinhar {des(cont), afet}
 - b. 3 significados
- (79) Organizar: pôr em ordem
- a. Organizar {des/cont, afet}
 - b. 3 significados
- (80) Esfriar: tornar frio
- a. Esfriar {des(cont), afet, alvo}
 - b. 3 significados
- (81) Diminuir: tornar menor
- a. Diminuir {des(cont), afet}
 - b. 3 significados
- (82) Amarelar: tornar amarelo
- a. Amarelar {des(cont), afet}
 - b. 2 significados

Reforçando a hipótese de que a especificidade dos verbos é um redutor de metáforas, temos acima um verbo como *amarelar*, que é um desencadeador e só

apresenta 2 significados. Também verbos que necessitam do uso de um instrumento específico tendem a ter menos metáforas:

- (83) Bimbalhar: repicar sinos
 - a. Bimbalhar {des(cont)}
 - b. 1 significado
- (84) Espanar: sacudir o pó
 - a. Espanar {des/cont, afet}
 - b. 1 significado
- (85) Coar: filtrar
 - a. Coar {des/cont, afet}
 - b. 1 significado
- (86) Podar: cortar, desbastar
 - a. Podar {des/cont, afet}
 - b. 2 significados
- (87) Colorir: dar cores
 - a. Colorir {des(cont), afet}
 - b. 2 significados
- (88) Escrever: representar por meio da escrita
 - a. Escrever {des/cont, est/resultativo}
 - b. 3 significados
- (89) Varrer: limpar
 - a. Varrer {des(cont), afet}
 - b. 5 significados

Veja que à medida que os verbos têm um uso mais cotidiano, a sua capacidade de produzir metáforas também aumenta. O mesmo fato se dá entre verbos que expressam uma ação corporal:

(90) Assobiar: dar assobios

a. Assobiar {des(cont), est}

b.1 significado

(91) Digerir: sofrer ou fazer digestão

a. Digerir {des, afet}

b. 2 significados

(92) Cheirar: exalar

a. Cheirar {des/exp (cont), est}

b. 2 significados

(93) Balançar: fazer oscilar

a. Balançar {des(cont), afet}

b. 2 significados

(94) Deitar: estender-se ao comprido

a. Deitar {des(cont), afet}

b. 2 significados

(95) Abaixar: descer

a. Abaixar {des(cont), afet}

b. 3 significados

(96) Acordar: tirar do sono

a. Acordar {des(cont), afet}

b. 3 significados

(97) Beber: ingerir

a. Beber {des/cont, afet}

b. 3 significados

(98) Engolir: fazer passar da boca ao estômago

a. Engolir {des(cont), afet}

b. 4 significados

(99) Comer: tomar alimento

a. Comer {des(cont), afet}

b. 4 significados

(100) Dormir: repousar

a. Dormir {des(cont), loc}

b. 6 significados

Outro fato interessante é em relação à ocorrência de verbos com experienciadores, mais especificamente, os verbos psicológicos. Assim como acontece na classe dos verbos processuais, em relação aos cognitivos, também os verbos de causação, mesmo tendo um desencadeador, já se encontram em um processo abstrato, apresentando apenas um significado. Essa generalização não apresenta uma exceção sequer. Isso apóia a tese de que os verbos abstratos não têm realmente produtividade metafórica, ainda que sejam uma causação:

(101) Aborrecer: descontentar

a. Aborrecer {des/exp(cont), afet(cont)}

b. 1 significado

(102) Assustar: dar susto

a. Assustar {des/exp(cont), afet(cont)}

b. 1 significado

(103) Comover: causar comoção

a. Comover {des/exp(cont), afet(cont)}

b. 1 significado

(104) Decepcionar: desiludir

a. Decepcionar {des/exp(cont), afet(cont)}

b. 1 significado

3.4 Considerações Finais

Terminamos, assim, a nossa análise, e os nossos dados nos levaram a concluir que a existência de polissemias parece estar presa a um processo cognitivo de criação de metáforas, ou seja, existe uma estrutura conceitual básica, mais concreta, e, a partir daí, constroem-se os outros sentidos metafóricos. Sendo assim, os verbos que denotaram propriedades mais físicas e de movimento apresentaram um processo produtivo de criação de metáforas maior que os verbos com propriedades mais abstratas e estativas, como, por exemplo, os psicológicos e cognitivos. Também se constatou que existe uma relação entre a rede temática dos verbos e o processo metafórico. Ou seja, as propriedades semânticas, na versão apresentada em CANÇADO (2003, 2005a), foram relevantes para evidenciar o comportamento do processo metafórico, direcionado do

mais físico para o mais abstrato, pois desencadeadores são propriedades relacionadas a ações e causações, portanto, a processos físicos no mundo. À medida que as metáforas iam-se construindo desapareciam as propriedades de desencadeadores e as propriedades semânticas envolvidas nos papéis temáticos dos verbos eram as de afetação, experienciador ou as de estados, propriedades mais abstratas. Parece que o inverso não acontece. Ou seja, as construções de metáforas não acontecem a partir do afetado, experienciador ou estativo, chegando a desencadeador. Observamos, portanto, que, com verbos que já se encontravam em um processo mais abstrato, como, por exemplo, os verbos processuais ou estativos, não foi possível construir metáforas com desencadeadores; e mesmo, a partir de verbos de estados, construir metáforas com afetados. Isso quer dizer que existe uma relação da direção da construção de metáforas e a ordem de ocorrência de papéis temáticos. Constatamos, ainda, que os verbos que apresentaram redes temáticas com a propriedade de afetado e de estativo tiveram menor número de ocorrências polissêmicas do que os verbos que tiveram, em suas redes temáticas, a propriedade de desencadeador, e que os verbos com propriedades semânticas estativas como papéis temáticos apresentaram, ainda, um número menor de ocorrências polissêmicas que os verbos com afetados. Isso corrobora a hipótese já discutida, nesta análise, de que verbos que denotam propriedades de movimento mais físicos apresentam um processo produtivo de criação de metáforas maior que os verbos que denotam propriedades mais abstratas ou estáticas. Entretanto, existem restrições, porém, isso se deve a características isoladas do tipo específico de verbo. Por exemplo, verbos especializados, como *coar*, possuem menor ocorrência metafórica, e verbos de percepção corporal, como *sofrer*, *ver* etc. apresentam um bom grau de produtividade metafórica. Observamos, também, que à medida que os verbos têm um uso mais

cotidiano, a sua capacidade de produzir metáforas também aumenta. O mesmo fato se dá entre verbos que expressam uma ação corporal. É importante realçar que não estamos estipulando um princípio geral, sem regras mais específicas que o anule.

E, por fim, um fato interessante. Os verbos processuais, em relação aos cognitivos, e os verbos de causação, em relação aos psicológicos, mesmo tendo um desencadeador, por já se encontrarem em um nível mais abstrato, apresentaram, apenas um significado.

CONCLUSÕES

Como um objetivo mais geral e descritivo, propusemos, nesta dissertação, fazer uma ampla descrição de alguns verbos do português brasileiro e o processo polissêmico

apresentado por eles. Fizemos esta descrição, dividindo os verbos por classes semânticas mais gerais, como, por exemplo, classe dos verbos de causação, classe dos verbos processuais e assim por diante.

Como objetivos mais teóricos, tivemos dois procedimentos. O primeiro foi estabelecer, a partir dos dados, a rede temática apresentada nas construções investigadas, usando a proposta de CANÇADO (2003, 2005a) e verificamos existir algum tipo de relação entre o processo polissêmico encontrado nos dados e as redes temáticas apresentadas pelas classes investigadas. O segundo objetivo teórico foi estabelecer a relação entre os resultados obtidos para a análise temática e o processo metafórico de criação de polissemias, proposto por LAKOFF & JOHNSON (1980, 2002).

Considerados esses objetivos, o segundo passo foi a coleta de dados. Fez-se, a princípio, um levantamento de setenta e seis verbos. Assumimos que verbos que apresentassem simplesmente mais de um significado fariam parte do nosso levantamento de dados. Observamos que a maioria de verbos bem comuns do PB apresenta mais de um significado. Dos setenta e seis, dezenove apresentaram um significado e cinquenta e sete, vários significados, tendo uma gradação do sentido mais concreto até o sentido mais abstrato. Constatamos que o sentido mais concreto, geralmente, relaciona-se a sentidos mais físicos e de movimento, em geral. Os verbos de processo e de estado, por se encontrarem em nível mais abstrato, apresentaram menos significados.

Concluído o levantamento dos verbos e a elaboração das sentenças, procedemos à identificação dos papéis temáticos dos argumentos constituintes de cada sentença. Para essa identificação, foi de grande importância a proposta teórica de CANÇADO (2003,

2005a). Encontramos, nessa análise, uma relação entre a rede temática dos verbos e o processo metafórico.

Em uma terceira etapa, elaboramos a divisão dos verbos por tipos de papéis temáticos e pelo número de ocorrências metafóricas; verbos que tinham um desencadeador em sua rede temática demos o nome de verbos de causação, por exemplo, o verbo *acompanhar*; verbos processuais, aqueles que tinham afetados e estados em sua rede temática, por exemplo, o verbo *aprender*; e, finalmente, chamamos de verbos de estados, aqueles que apresentaram só tipos específicos de estados, como, por exemplo, o verbo *desejar*. Considerada essa divisão, encontramos generalizações entre tipos semânticos de verbos e seu processo de criação polissêmica. Baseando-nos na idéia de LAKOFF & JOHNSON (1980, 2002), pudemos notar uma correlação da produtividade do processo da criação de polissemia e as distintas classes semânticas.

Numa última etapa, fizemos a análise da correlação entre papéis temáticos e os processos metafóricos dos resultados obtidos das redes temáticas analisadas e os tipos semânticos das classes de verbos catalogados. Nossos exemplos não esgotam as possibilidades metafóricas de cada verbo analisado, entretanto, mostram a grande capacidade produtiva e sistemática da construção de polissemias a partir das classes de verbos analisadas do PB. Estamos, pois, apresentando tendências e não princípios ou regras gerais; e, na medida do possível, observamos o que foge a essas tendências.

Dentro desses pressupostos, vimos, então, como uma primeira proposta, que existe um sentido canônico, como origem do processo metafórico, marcado no léxico, mas a criação dos vários sentidos dos verbos se dá a partir de uma idéia comum que relaciona esses vários sentidos, ou seja, uma idéia a que chamamos de relacional e que não está estocada no léxico. É um processo muito produtivo e muito usual nas línguas,

observados os dados mostrados por esta pesquisa para o PB. Assim, esse sentido canônico, ou seja, as metáforas, armazenadas na nossa mente, refletem-se em expressões lingüísticas do nosso dia-a-dia.

Como segunda hipótese, exploramos a idéia de que o sentido mais canônico, geralmente, relaciona-se a sentidos mais concretos, mais físicos. LAKOFF & TURNER (1989) afirmam que há uma tendência nas línguas de uma metáfora típica usar uma fonte mais concreta para descrever um alvo mais abstrato. Segundo os autores, a idéia básica é que devido à nossa experiência física de ser e de agir no mundo, formamos estruturas conceituais básicas com as quais organizamos o nosso pensamento sobre outros domínios mais abstratos.

Considerada a hipótese dos autores, é de se esperar que os verbos que denotem propriedades mais físicas tenham um processo produtivo de criação de metáforas maior que verbos que já denotem propriedades mais abstratas. Realmente, os dados desta pesquisa comprovam que existe uma tendência da língua em seguir essa afirmação. Analisando a totalidade dos verbos, temos que verbos de movimento, que denotam propriedades mais físicas, têm um processo polissêmico maior, ao contrário dos verbos que já se encontram num nível mais abstrato como os verbos de processo e de estado; e, em relação aos de processo, os verbos de estado apresentam um número menor de ocorrências polissêmicas. Isso foi corroborado pelo número de ocorrências de significados encontrados nessas classes. A maioria dos verbos que apresentam um significado, além de serem processuais, são também cognitivos, como *aprender*, *entender*, *achar*, ...

Outra hipótese é que a construção de metáforas, por exemplo, em verbos de causação, como *acompanhar*, acontece a partir do desencadeador, chegando às

propriedades de afetado, experienciador ou estativo, à medida que os conceitos dos verbos ficam mais abstratos. Esse tipo de comportamento, também, evidenciou que o processo metafórico tem a direção do mais físico para o mais abstrato, pois desencadeadores são propriedades semânticas relacionadas a ações e causações, portanto, processos físicos no mundo. À medida que houve uma expansão do domínio mais conhecido para o domínio menos conhecido, ou seja, à medida que as sentenças foram usadas no sentido mais metafórico, desapareceram as propriedades de desencadeadores e as propriedades semânticas envolvidas nos papéis temáticos atribuídos aos verbos foram as de afetação e as de estados, propriedades mais abstratas, que não envolvem movimento. O interessante foi observar que o inverso não aconteceu, ou seja, a construção de metáforas não aconteceu a partir do afetado, experienciador ou estativo, chegando a desencadeador. Constatamos com os exemplos dos verbos acima e outros da mesma natureza, que não é possível construir metáforas com desencadeadores, a partir de verbos processuais ou estativos; e mesmo, a partir de estados, construir metáforas com afetados (ver o apêndice). Portanto, existe uma relação da direção da construção de metáforas e ordem de ocorrência de papéis temáticos. Importante realçar que essa ordem acompanha as hierarquias temáticas propostas na literatura, em que sempre o agente (ou desencadeador) está em uma posição mais alta que pacientes e temas (afetado), que, por sua vez, estão em uma posição mais alta que os estados (estativo, objeto de referência, alvo, fonte, locativo, etc.)²¹. Ou seja, uma ação (desencadeadores) causa um processo ou um estado; um processo (afetados) se torna um estado; e o estado já se encontra no ponto final da escala.

Assim, com as afirmações acima, os verbos que apresentaram redes temáticas com a propriedade de afetado e de estativo tiveram um número menor de ocorrências

²¹ Sobre hierarquia temática e os dados do PB, ver Cançado (2005).

polissêmicas do que verbos que tinham, em suas redes temáticas, a propriedade de desencadeador; e que, por sua vez, os verbos que tinham somente propriedades semânticas estativas, como papéis temáticos, apresentaram ainda um número menor de construções metafóricas que os verbos com afetados. Essa hipótese tem uma relação direta com a segunda hipótese, levantada nesta análise, ou seja, os verbos que denotam propriedades de movimentos mais físicos têm um processo produtivo de criação de metáforas maior do que verbos que denotam propriedades mais abstratas ou estáticas. E como já mostramos para as classes de verbos de movimento e de experienciadores (psicológicos e cognitivos), nos exemplos (8) e (16) acima, realmente depreende-se ser essa a tendência da língua. Entretanto, apareceram alguns contra-exemplos nas classes de processos e ações; como verbos experienciadores (psicológicos e cognitivos), verbos de percepção corporal e verbos especializados. Porém, isso se deve a características isoladas do tipo específico do verbo. É importante realçar que não estamos estipulando um princípio geral, sem regras mais específicas que o anule. Estamos tentando fazer uma descrição abrangente de como o PB, em geral, parece comportar-se em relação à produção de polissemias.

Provavelmente, cada idéia relacional estará inserida em uma estrutura cognitiva de algum tipo de esquema de imagens, como proposto por Johnson (1987): esquema do recipiente, esquema da trajetória etc.. Entretanto, essa análise mais aprofundada do processo cognitivo não será desenvolvida aqui, ficando a idéia para uma futura expansão do trabalho. Como foi dito no início desta pesquisa, a polissemia é uma das relações mais produtivas de qualquer língua, sendo, portanto, uma das relações mais complexas; por isso, evidentemente, não pretendemos esgotar, aqui, este assunto.

Esperamos que, a partir desses resultados, tenhamos contribuído para se chegar a uma compreensão melhor da imensa complexidade dos itens polissêmicos.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BORBA, F. S.. *Dicionário Gramatical de Verbos do Português Contemporâneo do Brasil*. 1ª ed. São Paulo: Unesp, 1990.

BRÉAL, M.. *Ensaio de Semântica*. São Paulo: Pontes, 1992.

CANN, R. *Formal Semantics*. 1ª ed. Cambridge: Cambridge University Press, p. 1-26, 1993.

CANÇADO, M. Curso de Introdução à Semântica. Belo Horizonte: UFMG, 1999. (manuscrito não-publicado.)

CANÇADO, M. Papéis temáticos e léxico. *Estudos Lingüísticos*. Belo Horizonte: UFMG, vol 6, p. 117-146, 2001.

CANÇADO, M. Uma aplicação da teoria generalizada dos papéis temáticos: verbos psicológicos. *Revista do GEL. Número Especial: Em Memória de Carlos Franchi*. São Paulo: Contexto, 2002.

CANÇADO, M. Um estatuto teórico para os papéis temáticos. *Semântica Formal*. São Paulo: Contexto, p. 95-124, 2003a.

CANÇADO, M. Relações semânticas, predicação e papéis temáticos: Anotações de Carlos Franchi. *Revista de Estudos da Linguagem*. Belo Horizonte: UFMG, vol. 11, 2003b.

CANÇADO, M. Posições argumentais e propriedades semânticas. *Delta 21*. São Paulo, v.1, p. 23-56, 2005a.

CANÇADO, M. *Manual de Semântica: Noções Básicas e Exercícios*. Belo Horizonte: UFMG, v. 1, 2005b.

CHIERCHIA, G. & McConnell-Ginet. *Meaning and Grammar: An Introduction to Semantics*. Cambridge: MIT Press, 1992.

CRYSTAL, D. *Dicionário de Lingüística e Fonética*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2000.

CUNHA, C. *Gramática do Português Contemporâneo*. Belo Horizonte: Bernardo Álvares, 1969.

FAUCONNIER, G. *Mental Spaces*. Cambridge: The Mit Press, 1985.

FERNANDES, F. *Dicionário de Verbos e Regimes*. Porto Alegre: Globo, 1990.

FERREIRA, A. B. H. *Novo Dicionário da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1975.

GONZÁLEZ, A. R. F. et al. *Introduction a la Semántica*. Madrid, p. 63-72, 75-83, 1977.

ILARI, R.; GERALDI, J. W. *Semântica*. 4ª ed. São Paulo: Ática, 1990. (Série Princípios, 8)

JACKENDOFF, R. *Semantics and Cognition*. Cambridge: MIT Press, p 3-56, 1983.

JACKENDOFF, R. *Semantic Structures*. Cambridge: MIT Press, p. 7-58, 1990.

KEMPSON, R. M. *Teoria Semântica*. (tradução: Waltensir Dutra). Rio de Janeiro: Zahar Editores, p. 13-30, 1977.

LAKOFF, G.; JOHNSON, Mark. *Metaphors We Live By*. Chicago: Chicago Press, 1980.

LAKOFF, G.; JOHNSON, Mark. *Metáforas da Vida Cotidiana* (coordenação da tradução Mara Sophia Zanotto e Vera Maluf) São Paulo: Mercado de letras, 2002.

LAKOFF, G. *Women, Fire and Dangerous Things: what categories reveal about the mind*. Chicago: Chicago Press, 1987.

LANGACKER, R. W. *Foundations of Cognitive Grammar*. Califórnia: Stanford Press, vol. 2, 1991.

LIMA, W. F. Papéis temáticos: a proposta da TGPT. 7 Faces. Itabira: v 4, p. 29-36, 2003.

LOPES, E. *Fundamentos da Lingüística Contemporânea*. São Paulo: Cultrix, 1977.

LYON, J. *Semantics*. Cambridge: University Press, 1977.

LYONS, J. *Semântica I*. Lisboa: Presença, 1977.

LYONS, J. *Introduction to Theoretical Linguistics*. Cambridge: University Press, 1968.

MARI, H. Dimensões do Processo de Significação: Relações Lexicais. Belo Horizonte: UFMG, p. 63-81, 2001. (mimeografado)

MOURA, N. M. H. *A Gramática Funcional*. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

PALMER, F. R. *A Semântica*. Lisboa: Edições 70, p. 73-106, 1979.

PERINI, M. A. *Gramática Descritiva do Português*. 4ª ed. São Paulo: Ática, 2001.

PERINI, M. A. Sobre o conceito de “item léxico”: uma proposta radical. *Palavra*. Rio de Janeiro: PUC, n° 5, 140-163, 1999.

PIRES, O. R. *Semântica Formal: uma breve introdução*. Campinas: Mercado das Letras, 2001.

PUSTEJOVSKY, J. *The Generative Lexicon*. Cambridge: MIT Press, 1995a.

RAPOSO, E. P. *Teoria da Gramática. A Faculdade da Linguagem*. Lisboa: Caminho, 1992.

SAEED, J. *Semantics*. Cambridge: MA: Blackwell, p. 299-337, 1997.

SARAIVA, M. E. F. *Buscar Menino no Colégio: a questão do objeto incorporado em português*. São Paulo: Pontes, 1997.

SCHER, A. P. Quais são as propriedades lexicais de uma construção com verbo leve? *Semântica Formal*. São Paulo: Contexto, p. 205-219, 2003.

VIOTTI, E. A composicionalidade nas sentenças com o verbo ter. *Semântica Formal*. São Paulo: Contexto, p. 221-241, 2003.

APÊNDICE

Este apêndice constitui-se de verbos, coletados para esta pesquisa, organizados em grupos por tipos de papéis temáticos e pelo número de ocorrências metafóricas, que contêm as acepções adotadas, a rede temática e as sentenças-exemplo, cada uma delas com o mesmo verbo, tendo vários possíveis significados.

APÊNDICE

A. VERBOS QUE DENOTAM ESTADO

1) Desejar: 1 significado

1. Desejar: querer

Desejar {estativo/experienciador(controle), estativo/objeto de referência}

- 1 - Eu desejo o sucesso.
- 2 - Os alunos desejaram notas boas.
- 3 - Maria deseja uma bolsa de couro.
- 4 - João deseja uma bolsa de estudos.
- 5 - O menino deseja esse brinquedo.
- 6 - João deseja a riqueza.

2) Detestar: 1 significado

1. Detestar: odiar

Detestar {estativo/experienciador(controle), estativo/objeto de referência}

- 1 - Maria detesta jiló.
- 2 - Nós detestamos notícias tristes.
- 3 - João detesta essa idéia.
- 4 - Carolina detesta geografia.
- 5 - O povo detesta ditadura.

3) Amar: 1 significado

1. Amar: gostar muito

Amar {estativo/experienciador(controle), estativo/objeto de referência}

- 1 - Maria ama jiló.
- 2 - Nós amamos notícias alegres.
- 3 - João ama essa menina.
- 4 - Carolina ama geografia.
- 5 - O povo ama a liberdade.

4) Temer: 1 significado

1. Temer: ter medo

Temer {estativo/experienciador(controle), estativo/objeto de referência}

- 1 - Maria teme as pessoas.
- 2 - João teme as abelhas.
- 3 - João teme a liberdade.
- 4 - As pessoas temem amar.

5) Acreditar: 1 significado

1. Acreditar: crer

Acreditar {estativo/experienciador(controle), estativo/objeto de referência}

- 1 - Maria acredita em João.
- 2 - Maria acredita em bruxaria.
- 3 - Eu não acredito em horóscopo.
- 4 - Nós acreditamos no sítio.
- 5 - Maria acredita no casamento de Pedro.
- 6 - Vocês acreditam em Maria?

6) Esperar: 2 significados

1. Esperar: estar ou ficar à espera de

Esperar {estativo(controle), estativo/objeto de referência}

- 1 - João espera a morte.
- 2 - Maria espera um filho.
- 3 - João espera o lotação.
- 4 - Os ladrões esperaram o dono do armazém.
- 5 - Espero você para o jantar.

2. Esperar: ter esperança em

Esperar {estativo/experenciador(controle), estativo/objeto de referência}

- 1 - Espero que o senhor compreenda.
- 2 - João espera a melhora de sua mãe.
- 3 - Maria espera que o filho seja aprovado.

Idéia relacional: ter expectativa em relação a alguma coisa; primeiro, sentido físico e segundo, psicológico.

7) Habitar: 2 significados

1. Habitar: residir, morar

Habitar {estativo(controle), estativo/locativo}

- 1 - As crianças habitam aquela vila.
- 2 - Os animais típicos só habitam as florestas tropicais.

2. Habitar: estar, permanecer

Habitar {estativo, estativo/locativo}

- 1 - Estes valores habitam nossos corações.

Idéia relacional: algo está localizado em algum lugar; primeiro, sentido físico e segundo, psicológico.

8) Agüentar: 3 significados

1. Agüentar: resistir fisicamente

Agüentar {estativo, estativo/objeto de referência}

- 1 - O sofá não agüentou o gordo.
- 2 - Essa travessa agüenta o forno.

3 - Os móveis agüentaram o calor.

2. Agüentar: durabilidade

Agüentar {estativo, alvo}

1- O arroz agüenta até o fim do mês.

3. Agüentar: suportar afetivamente

Agüentar {estativo/experienciador(controle), estativo/objeto de referência}

1 - Maria agüentou Tonico por muito tempo.

2 - Só o dono agüenta aquele cachorro.

3 - Ângela não agüentava aquela agonia.

4 - Eu agüento aquele inferno todos os dias.

5 - Eu não agüento tanta dor.

6 - Maria agüenta o peso dos anos.

Idéia relacional: ter resistência em relação a alguma coisa; primeiro, sentido físico, segundo, sentido de um limite temporal e terceiro, sentido psicológico.

9) Brilhar: 3 significados

1. Brilhar: luzir

Brilhar {estativo}

1 - A estrela brilhou.

2 - As carcaças brilhavam.

3 - O chão da casa de Maria brilhava.

4 - Cabelos pretos brilham mais.

5 - As jóias das damas brilhavam na festa.

6 - Uma estrela brilhou no Oriente.

2. Brilhar: destacar

Brilhar {estativo(controle)}

1 - Carolina brilhou na passarela.

2 - Pedro Nava brilhou como poeta.

3 - As damas brilharam em suas jóias.

3. Brilhar: aparecer

Brilhar {estativo}

1 - A esperança brilhou no seu olhar.

Idéia relacional: aparecer com destaque; primeiro, sentido físico de uma luz sendo emitida, segundo, sentido de transposição dessa luz para uma pessoa e terceiro, sentido de transposição dessa luz para os sentimentos de uma pessoa.

B. VERBOS QUE DENOTAM PROCESSO

10) Aprender: 1 significado

1. Aprender: adquirir conhecimento

Aprender {afetado/experienciador(controle), estativo/objeto de referência}

- 1 - As crianças aprendem a lição.
- 2 - Onde você aprendeu inglês?
- 3 - João aprendeu que as plantas custam pouco.

11) Entender: 1 significado

1. Entender: compreender

Entender {afetado/experienciador(controle), estativo/objeto de referência}

- 1 - Maria entendeu a explicação
- 2 - Você entendeu o que eu falei.
- 3 - Pelo menos, alguém me entende.
- 4 - Pelo que disse ontem, entendi que está magoado.
- 5 - João entende as leis.
- 6 - O psicólogo entende os adolescentes.

12) Entender-se: 1 significado

1. Entender-se: entrar em acordo, comunicar-se

Entender-se {afetado/experienciador(controle), afetado(controle)}

- 1 - Maria se entendeu com Dr. Marcos.
- 2 - O Brasil se entendeu com a Argentina.

13) Achar₁: 1 significado

1. Achar: pensar

Achar {afetado/experienciador/controlado, estativo/objeto de referência}

- 1 - Eu achei que você não vinha.
- 2 - João achou que a prova estava difícil.

14) Achar₂: 1 significado

1. Achar: encontrar

Achar {afetado(controle), estativo/objeto de referência}

- 1 - Achei uma moeda na rua.
- 2 - Maria achou o tio.
- 3 - Maria achou outra escola.
- 4 - Ana achou um novo sistema.
- 5 - Maria achou, logo, amizade.

15) Desmaiar: 1 significado

1. Desmaiar: perder os sentidos

Desmaiar {afetado, locativo}

- 1 - João desmaiou no ônibus.
- 2 - Em Porto Alegre, a mocinha desmaiou.

16) Surgir: 2 significados

- 1. Surgir: aparecer fisicamente

Surgir {afetado, estativo/locativo}

- 1 - A moça surgiu de repente.
- 2 - Muitas indústrias surgiram em Ouro Branco.

- 2. Surgir: aparecer mentalmente

Surgir {afetado}

- 1 - As idéias surgem depressa.
- 2 - Nosso amor surgiu de repente.

Idéia relaciona : vir para lugar mais visível; primeiro, sentido físico e segundo, sentido mental.

17) Sumir: 2 significados

- 1. Sumir: desaparecer da visão

Sumir {afetado(controle)}

- 1 - O moço sumiu na mata.
- 2 - Maria sumiu da festa.
- 3 - O meu lápis sumiu.
- 4 - A obra de C.Drummond sumiu.
- 5 - A mancha sumiu.
- 6 - As estrelas sumiram.

- 2. Sumir: deixar de existir

Sumir {afetado}

- 1 - A dor sumiu.
- 2 - A brilhante idéia sumiu.
- 3 - O amor sumiu.
- 4 - As memórias sumiram.

Idéia relacional: algo desaparece; primeiro, sentido físico e segundo, sentido mental.

18) Escutar: 2 significados

- 1. Escutar: ouvir

Escutar {afetado/experienciador(controle), estativo}

- 1 - Maria escutou a campainha tocar.
- 2 - Maria escuta a voz do pai.
- 3 - João escuta os gatos miarem no telhado.
- 4 - Maria escuta o sino bater.
- 5 - Maria escuta atrás das portas.
- 6 - O aluno atento escutava o professor.

- 7 - O paciente escutava o médico, com atenção.
- 8 - Maria escutava as doze badaladas no relógio da igreja.

2. Escutar: atender os conselhos de

Escutar {afetado/experienciador(controle), objeto estativo}

- 1 - Carolina escuta seus pais.
- 2 - Minha avó dizia para eu escutar os mais velhos.
- 3 - O paciente escutava o médico em suas recomendações.

Idéia relacional: passar algo de fora para dentro; primeiro, sentido físico e segundo, sentido relacionado ao mundo das idéias.

19) Avistar: 2 significados

1. Avistar: ver ao longe

Avistar {afetado/experienciador(controle), estativo}

1 - O vaqueiro avistou aquela nuvem de poeira.

2. Avistar: perceber, pressentir

Avistar {afetado/experienciador/controlado, estativo}

1 - Maria avistou o perigo.

Idéia relacional: algo começa a ser percebido; primeiro, sentido físico e segundo, sentido psicológico de premonição.

20) Apanhar: 2 significados

1. Apanhar: levar surra

Apanhar {afetado(controle)}

1 - Maria apanhava muito.

2. Apanhar: ser derrotado

Apanhar {afetado}

1 - O Cruzeiro apanhou do Atlético.

Idéia relacional: alguém sofre alguma coisa; primeiro, sentido físico e segundo, sentido psicológico.

21) Nascer: 3 significados

1. Nascer: vir ao mundo

Nascer {afetado}

- 1 - João nasceu.
- 2 - Nasceram as flores no deserto.

2. Nascer: aparecer

Nascer {afetado}

1 - Em 1953, nasceu a Petrobrás.

2 - O sol nasceu.

3. Nascer: começar a existir abstratamente

Nascer {afetado}

1 - Você nasceu para mim.

2 - Nosso amor nasceu neste instante.

3 - As idéias nasceram de repente.

Idéia relacional: algo começa a existir; primeiro, sentido relativo ao nascimento das pessoas, segundo, sentido relativo a um funcionamento de um sistema não-humano e terceiro, sentido em relação a um sistema mental.

22) Morrer: 3 significados

1. Morrer: cessar de viver

Morrer {afetado}

1 - João Paulo II morreu.

2 - A planta morreu.

2. Morrer: parar de funcionar

Morrer {afetado}

1 - Na corrida, o carro morreu.

3. Morrer: deixar de ser importante

Morrer {afetado, estativo/experienciador}

1 - O João morreu para mim.

2 - Nosso amor morreu neste instante.

3 - Minhas idéias morreram de repente.

Idéia relacional: interromper um processo, algo muda no funcionamento para um estado final, permanente; primeiro, sentido relativo ao funcionamento das pessoas, segundo, sentido relativo a um funcionamento de um sistema não-humano e terceiro, sentido em relação a um sistema mental.

23) Vencer: 3 significados

1. Vencer: ganhar

Vencer {afetado(controle), estativo/objeto de referência}

1 - José venceu a onça.

2 - O Cruzeiro venceu o Botafogo.

3 - Os soldados venceram a batalha.

4 - Eu venci a corrida.

2. Vencer: terminar

Vencer {afetado}

1 - O aluguel venceu ontem.

3. Vencer: dominar

Vencer {afetado(controle), estativo/objeto de referência}

1 - Maria venceu o alcoolismo.

2 - Maria venceu o medo.

3 - A mulher venceu a ansiedade.

4 - O sono venceu a criança.

Idéia relacional: mudança de estado; primeiro, mudança física dos vencedores, segundo, a noção de mudança passa para coisa e terceiro, mudança psicológica dos vencedores.

24) Ver: 3 significados

1. Ver: enxergar

Ver {afetado(controle), estativo}

1 - João viu um disco voador.

2 - Maria viu o jornal.

3 - João viu o amanhecer.

4 - Maria viu o filme.

5 - Maria viu a mãe hoje.

6 - O fazendeiro viu as terras.

7 - João viu o emprego no jornal.

2. Ver: compreender

Ver {afetado/controlado, estativo}

1 - Joana viu que não tinha outra saída.

2 - João viu os problemas chegando.

3. Ver: considerar

Ver {afetado/controlado, estativo}

1 - João a vê como amiga.

Idéia relacional: algo é observado; primeiro, sentido físico e segundo, sentido mental.

25) Perceber: 3 significados

1. Perceber: distinguir pela visão

Perceber {afetado/experenciador(controle), estativo}

1 - A vista turva percebe um vulto.

2 - Maria percebe nuvens baixas e densas.

2. Perceber: distinguir pela audição

Perceber {afetado/experenciador(controle), estativo}

1 - O cachorro percebeu a aproximação de alguém.

2 - Vera percebe o telefonema.

3. Perceber: entender

Perceber: {afetado/experienciador(controle), estativo}

1 - Lucas percebeu a mensagem.

Idéia relacional: algo é perceptível; primeiro, sentido físico e segundo, sentido mental recuperando o sentido físico.

26) Sofrer: 4 significados

1. Sofrer: estar acometido de doença ou dores

Sofrer {afetado(controle)}

1 - Maria sofre muito.

2. Sofrer: sacrificar-se

Sofrer {afetado/experienciador(controle), estativo}

1 - Maria sofria pelos filhos.

3. Sofrer: ficar estragado

Sofrer {afetado/experienciador, estativo}

1 - A cidade sofre com as chuvas.

4. Sofrer: decair

Sofrer {afetado/experienciador}

1 - O nível do nosso ensino já sofreu muito.

Idéia relacional: passar por um processo doloroso; primeiro, sentido físico, segundo, sentido de transposição do sentido físico em virtude da existência de outras pessoas e terceiro, sentido de transposição do sentido físico para coisas mais abstratas.

27) Sentir: 5 significados

1. Sentir: experimentar sensação

Sentir {afetado(controle), estativo}

1 - João sente frio.

2 - Maria sente o perfume da rosa.

3 - Maria sentiu o gosto do alho.

4 - A criança sentiu a mudança de clima.

2. Sentir: experimentar sensação psicológica

Sentir {afetado(controle), estativo}

1 - Maria sentiu um frio na barriga.

2 - Maria sente muita saudade de você.

3 - João sente vontade de protestar.

4 - Maria sente solidão.

- 5 - João sentia o perigo da situação.
6 - João sentia seus mortos por perto.

3. Sentir: reconhecer-se

Sentir {afetado(controle), estativo}

- 1 - Pedro sentia-se chefe.
2 - O galo sentia-se chefe do galinheiro

4. Sentir: exprimir pesar

Sentir {afetado(controle), estativo}

- 1 - Joana sentiu a morte de Maria.
2 - O cachorro sentiu a morte do dono.

5. Sentir: perceber

Sentir {afetado(controle), estativo}

- 1 - Senti que Maria não gostou da brincadeira.

Idéia relacional: experimentar algo; primeiro, sentido físico e segundo, sentido da experiência física para a experiência psicológica.

28) Cair: 6 significados

1. Cair: deslocar para baixo

Cair {afetado (controle)}

- 1 - Maria caiu na grama.
2 - Meus cabelos caem muito.
3 - Os raios de sol caíam sobre a terra.
4 - Os ombros caíram.
5 - Um belo lustre caía do teto.
6 - Uma árvore caiu sobre o rio.

2. Cair: diminuir

Cair {afetado}

- 1 - O preço do arroz caiu.
2 - O ensino caiu sob sua direção.
3 - O supermercado caiu,mas já se recuperou.
4 - Aquela escola já foi boa, agora caiu muito.
5 - O Atlético caiu para a segunda divisão.

3. Cair: desaparecer

Cair {afetado}

- 1 - Esta lei caiu há muito tempo.
2 - O ministro da Educação caiu logo.

4. Cair: ocorrer

Cair {estativo, estativo/tempo}

- 1 - O feriado caiu no meu aniversário.
- 2 - O feriado cairá na sexta-feira, 13.

5. Cair: aparecer

Cair {estativo, locativo}

- 1 - Esse assunto caiu na prova.
- 2 - Ângulo inscrito cai no exercício.
- 3 - O trabalho caiu para você.

6. Cair: envolver

Cair {afetado(controle), estativo}

- 1 - João caiu em uma cilada.
- 2 - Um desânimo caiu sobre Júlia.
- 3 - A infelicidade caiu sobre o casal.

Idéia relacional: sair de um ponto para outro ponto, em direção descendente; primeiro, sentido físico e segundo, sentido psicológico, negativo.

C. VERBOS QUE DENOTAM CAUSAÇÃO

Verbos de Movimento

29) Acompanhar: 9 significados

1. Acompanhar: conduzir

Acompanhar {desencadeador/controle, afetado, alvo}

- 1 - João acompanha a filha ao cemitério.
- 2 - Eu acompanho você até a porta.
- 3 - Maria acompanha o marido ao médico.

2. Acompanhar: ir atrás de

Acompanhar {desencadeador/controle, afetado, locativo}

- 1 - Paulo acompanha o circo pelo mundo.
- 2 - Maria acompanha a procissão.

3. Acompanhar: fazer acompanhamento musical

Acompanhar {desencadeador/controle, afetado}

- 1 - Rita acompanha a música.

4. Acompanhar: observar

Acompanhar {desencadeador/experienciador/controle, estativo/locativo}

- 1 - Ernesto acompanhava a faca atentamente.

2 - Acompanhei o jovem da janela do meu apartamento.

5. Acompanhar: observar a evolução de

Acompanhar {desencadeador/experenciador(controle), estativo/objeto de referência}

1 - Ele acompanha as fofocas pelos jornais.

2 - Carol acompanha as novelas do SBT.

3 - A cidade inteira acompanha o caso.

6. Acompanhar: preocupar

Acompanhar {estativo, afetado/experenciador}

1 - Essas idéias me acompanham sempre.

7. Acompanhar: concordar

Acompanhar {afetado/experenciador(controle), estativo}

1 - A mulher acompanhava a opinião do marido.

8. Acompanhar: compreender

Acompanhar {afetado/experenciador(controle), estativo}

1 - O mudo acompanhava as palavras com o gesto.

2 - Não acompanhei o raciocínio do professor.

9. Acompanhar: estar na mesma direção

Acompanhar {estativo, estativo/objeto de referência}

1 - A estrada acompanha o rio.

Idéia relacional: ir junto; primeiro, ir junto de uma maneira física e segundo, ir junto de uma maneira abstrata.

30) Abafar: 8 significados

1. Abafar: cobrir para conservar o calor

Abafar {desencadeador(controle), estativo}

1 - Maria abafa o chá.

2 - Uma tampa de metal abafava o café.

2. Abafar: cobrir para deter o fogo

Abafar {desencadeador(controle), afetado}

1 - Os vizinhos abafaram o fogo.

3. Abafar: impedir de ser ouvido

Abafar {desencadeador(controle), afetado}

1 - O menino abafou o som.

4. Abafar: sufocar

Abafar {desencadeador, afetado}

1 - Esse calor de Belo Horizonte abafa a gente.

5. Abafar: roubar

Abafar {desencadeador/controle, afetado}

1 - Esse menino abafou alguns trocados.

6. Abafar: impedir divulgação

Abafar {desencadeador/controle, afetado}

1 - Eles abafaram a boa nova.

2 - Eles abafaram o escândalo.

7. Abafar: ocultar

Abafar {desencadeador(controle), afetado}

1 - O orgulho abafa os bons sentimentos.

8. Abafar: fazer sucesso

Abafar {afetado(controle), alvo}

1 - No outdoor do Nazaré, Carolina abafou.

Idéia relacional: encobrir física ou psicologicamente; primeiro, sentido físico de esconder algo, segundo, sentido de transposição do sentido físico para o sentido psicológico e terceiro, sentido psicológico de que o sucesso de alguém pode encobrir outras pessoas.

31) Queimar: 8 significados

1. Queimar: pôr fogo a

Queimar {desencadeador/controle, afetado}

1 - Paulo queimou a plantação.

2 - Maria queimou o feijão.

3 - Os romanos queimaram os cristãos.

2. Queimar: danificar

Queimar {desencadeador(controle), afetado}

1 - A passadeira queimou minha saia.

2 - Você queimou a panela.

3 - A geada queimou as plantas.

4 - A tinta queimou o cabelo.

5 - Maria queimou o acendedor do fogão.

3. Queimar: sofrer queimaduras

Queimar {desencadeador(controle), afetado}

- 1 - O fogo queimou o dedo de Paulo.
- 2 - O sol queimou o nariz de Cid.

4. Queimar: cozer

Queimar {desencadeador/controle, afetado}

- 1- Maria queima o vaso modelado.

5. Queimar: consumir

Queimar {desencadeador(controle), afetado}

- 1 - O motor do carro queima gasolina.
- 2 - Carolina queima dinheiro.

6. Queimar: comercializar

Queimar {desencadeador/controle, afetado}

- 1 - Mário queimou o estoque da loja.

7. Queimar: perder o prestígio

Queimar {desencadeador(controle), afetado}

- 1 - Este acontecimento queimou sua imagem.

8. Queimar: zangar-se

Queimar {afetado/experienciador(controle)}

- 1 - João se queima com facilidade.

Idéia relacional: mudar de aspecto; primeiro, sentido físico e segundo, sentido psicológico de se transformar interiormente.

32) Deixar: 7 significados

1. Deixar: largar

Deixar {desencadeador(controle), afetado, alvo.}

- 1 - Maria deixa o guardanapo na mesa.
- 2 - O livro deixou marcas na estante.

2. Deixar: colocar

Deixar {desencadeador/controle, afetado, alvo}

- 1 - Maria deixa o envelope em cima do balcão.
- 2 - Ao meio dia, deixo as crianças na escola.

3. Deixar: sair

Deixar {desencadeador(controle), afetado}

- 1 - Lúcia deixou o trabalho.
- 2 - João deixa a faculdade.
- 3 - João deixou sua cidade.
- 4 - João deixa a faculdade às 10 h.
- 5 - Maria deixa a sala.

4. Deixar: abandonar

Deixar {desencadeador(controle), afetado}

- 1 - Maria deixou o João.
- 2 - O marido a deixou por uma negra.
- 3 - Maria deixou o José para trás.
- 4 - Este carro já me deixou na estrada.
- 5 - O ônibus deixa tudo pra trás.

5. Deixar: causar

Deixar {desencadeador, afetado, alvo}

- 1 - O sol deixa manchas na pele.

6. Deixar: dar como herança

Deixar {desencadeador/controlado, estativo, alvo}

- 1 - João deixou a casa para a filha.

7. Deixar: produzir

Deixar {desencadeador(controle), estativo, alvo}

- 1 - João deixou muitos livros.
- 2 - A chuva deixou muitos estragos.
- 3 - O maremoto deixou muitas vítimas na Tailândia.

Idéia relacional: enfoque do ponto final; primeiro, sentido físico e segundo, sentido psicológico.

33) Vir: 7 significados

1. Vir: dirigir-se ao local em que está o ouvinte

Vir {desencadeador(controle), estativo/locativo}

- 1 - Todos vieram à festa.
- 2 - O menino vinha rápido.
- 3 - Essa porcelana veio do Japão.

2. Vir: regressar

Vir {desencadeador(controle), estativo/locativo}

- 1 - Ele já veio da França.
- 2 - O professor vem hoje.
- 3 - Antônio veio de trem.
- 4 - Hoje ele veio mais cedo.

3. Vir: chegar (tempo, ocasião)

Vir {estativo}

- 1 - A chuva veio antes do esperado.
- 2 - O verão vem aí.
- 3 - Os castigos vêm depressa.

4. Vir: proceder

Vir {estativo, estativo/locativo}

- 1 - O ruído vinha do jardim.
- 2 - A maioria das palavras portuguesas vem do latim.

5. Vir: descender

Vir {estativo, estativo/origem}

- 1 - Ele vem de família pobre.

6. Vir: estar situado

Vir {estativo/locativo}

- 1 - Depois da praça, vinha a pracinha.

7. Vir: aparecer

Vir {estativo/locativo}

- 1 - Esta idéia me veio à cabeça.
- 2 - Esse sentimento me veio ao coração.

Idéia relacional: traçar alguma trajetória; primeiro, sentido físico e segundo, sentido de transposição da trajetória física para a trajetória abstrata.

34) Andar: 6 significados

1. Andar: caminhar

Andar {desencadeador/controle, estativo}

- 1 - Maria anda muito.
- 2 - Maria andou B H inteiro.
- 3 - Paulo só andou com dois anos..
- 4 - Maria anda de lá pra cá, sem sossego.

2. Andar: movimentar-se

Andar {desencadeador(controle)}

- 1 - As borboletas andam quase sempre aos pares.
- 2 - A locomotiva anda devagar.
- 3 - O relógio anda para trás.

3. Andar: ser transportado

Andar {desencadeador/afetado(controle), estativo/meio}

- 1 - Ela anda de charrete.
- 2 - Maria já andou de trem.

4. Andar: usar

Andar {desencadeador(controle), estativo/modo}

- 1 - Maria anda de botas.

5. Andar: envolver-se

Andar {afetado/controle, estativo}

- 1 - João anda com uma turma esquisita.
- 2 - João anda com mulheres.

6. Andar: progredir

Andar {afetado}

- 1 - Os negócios andam bem.

Idéia relacional: seguir uma trajetória; primeiro, sentido físico e segundo, sentido psicológico.

35) Apanhar: 6 significados

1. Apanhar: pegar

Apanhar {desencadeador(controle), afetado}

- 1 - Nara apanhou o lápis e o papel.
- 2 - Maria apanhou a saia.
- 3 - João apanhou o feijão.
- 4 - Paulo apanhou água.
- 5 - As aves apanharam milho no quintal.
- 6 - Os bóias-frias apanharam as laranjas.
- 7 - Máquinas também apanham laranjas.
- 8 - João apanhou dois peixes.
- 9 - A polícia apanha dois jovens em Lafaiete.

2. Apanhar: entrar em

Apanhar {desencadeador/controle, estativo}

- 1 - Maria apanhou um táxi.

3. Apanhar: surpreender

Apanhar {desencadeador(controle), afetado}

- 1 - A chuva nos apanhou desprevenidos.

4. Apanhar: receber

Apanhar {afetado(controle), estativo}

- 1 - Maria apanhou muita chuva.
- 2 - As crianças apanham sereno.
- 3 - Maria apanhou muito sol.

4 - As roupas apanharam chuva.

5. Apanhar: perceber

Apanhar {afetado/experienciador/controle, estativo}

1 - De quando em quando,ela apanhava um comentário.

6. Apanhar: sofrer

Apanhar {afetado/experienciador(controle), estativo}

1 - Maria já apanhou muito da vida.

Idéia relacional: algo chega mais próximo de alguém; primeiro, sentido físico, coisas materiais chegam mais próximas de alguém e segundo, sentido psicológico, algo mais abstrato aproxima-se de alguém.

36) Acertar : 6 significados

1. Acertar: pôr de maneira certa

Acertar {desencadeador/controle, afetado}

- 1 - Maria acertou o quadro na parede.
- 2 - João acertou o relógio.
- 3 - Helena acertou as unhas de Carolina.
- 4 - A costureira acertou a bainha do vestido.

2. Acertar: achar o certo

Acertar {desencadeador/controle, estativo}

1 - Maria acertou as questões da prova.

3. Acertar: atingir

Acertar {desencadeador(controle), afetado, alvo}

- 1 - O garoto acertou uma pedra no cachorro.
- 2 - João acertou a vidraça com uma pedra.

4. Acertar: combinar

Acertar {desencadeador/controle, estativo, beneficiário}

- 1 - João acertou um encontro com Maria.
- 2 - Ronaldo acertou a renovação com o Inter.
- 3 - Maria acertou a reforma da casa com o pedreiro.

5. Acertar: ter sorte

Acertar {desencadeador/controle, estativo}

- 1- João acertou na loto.
- 2 - João acertou na compra deste carro.

6. Acertar-se: harmonizar-se

Acertar {afetado/controle, estativo}

1 - João se acertou com o filho.

Idéia relacional: algo chega a um ponto x; primeiro, sentido físico e segundo, sentido de transposição do sentido físico para o psicológico.

37) Afogar: 5 significados

1. Afogar: matar ou morrer por asfíxia

Afogar {desencadeador(controle), afetado}

- 1 - O marido afogou a mulher no rio.
- 2 - O homem afogava os gatos no tanque.
- 3 - O gato afogou o rato .
- 4 - A tempestade afogou muita gente.
- 5 - João se afogou no rio.

2. Afogar: refogar

Afogar {desencadeador/controle, afetado}

1- A cozinheira afogou o arroz.

3. Afogar: enguiçar

Afogar {afetado}

1 - O carro afogou e agora não quer pegar.

4. Afogar: procurar esquecer

Afogar {desencadeador/experenciador/controle, afetado, alvo}

- 1 - Curió afoga suas desilusões na cachaça.
- 2 - Maria afoga suas desilusões no trabalho.
- 3 - Afoguei minhas mágoas no trabalho.

5. Afogar: trabalhar demais

Afogar {afetado/controle, alvo}

- 1 - O gerente se afoga em papéis o dia inteiro.
- 2 - Ele se afogou no trabalho.

Idéia relacional: mudar alguém ou algo de estado, num movimento para baixo; primeiro, sentido físico e segundo, sentido de transposição do sentido físico para o sentido psicológico.

38) Colocar: 5 significados

1. Colocar: pôr

Colocar {desencadeador/controle, afetado,alvo}

1 - A irmã colocou o roupão no cabide.

- 2 - Maria colocou o prato na mesa.
- 3 - Maria colocou seu salário na poupança.
- 4 - O pedreiro coloca os tijolos.

2. Colocar:encaixar

Colocar {desencadeador/controle, afetado, alvo}

- 1 - O governo colocou seu irmão na presidência do banco.

3. Colocar: abrir

Colocar {desencadeador/controle, afetado, alvo}

- 1 - João colocou uma loja no shopping.

4. Colocar: ligar

Colocar {desencadeador/controle, afetado}

- 1 - Os vizinhos colocaram o som muito alto.

5. Colocar: expor, apresentar

Colocar {desencadeador/controle, afetado, alvo}

- 1 - O tricolor colocou seu passe à venda.
- 2 - Maria colocou os problemas da firma para João.
- 3 - Maria colocou para ele sua insegurança.

Idéia relacional: percurso de algo até o ponto final; primeiro, sentido físico e segundo, o sentido mais abstrato recupera a idéia relacional .

39) Enterrar: 5 significados

1. Enterrar: pôr debaixo da terra

Enterrar {desencadeador/controle, afetado, alvo}

- 1 - João enterrou a imagem de Santo Onofre no jardim.
- 2 - Enterrou o dinheiro debaixo do colchão.
- 3 - O cachorro enterrou o osso no quintal.
- 4 - Gonzaga enterra a tartaruginha no jardim.
- 5 - Pedro enterra seu pai.
- 6 - Maria enterrou sua amiga ontem.

2. Enterrar: afundar

Enterrar {desencadeador(controle), afetado, alvo}

- 1 - Enterrei o pé na lama.
- 2 - João enterrou a faca nas costas de Maria.

3. Enterrar: isolar

Enterrar {desencadeador/controle, afetado, alvo}

- 1 - O pai enterrou a filha num convento.

4. Enterrar-se: entregar-se

Enterrar {desencadeador/controle, afetado, alvo}

- 1 - João se enterrava no trabalho.
- 2 - Maria se enterrou nos livros.

5. Enterrar: levar à ruína

Enterrar {desencadeador, afetado}

- 1 - A péssima atuação do técnico enterrou o time.

Idéia relacional: colocar alguém ou algo para o interior; primeiro, sentido físico e segundo, a noção de *para o interior* é ampliada para o sentido psicológico.

40) Embrulhar: 5 significados

1. Embrulhar: enrolar

Embrulhar {desencadeador/controle, afetado, instrumento}

- 1 - João embrulhou o açúcar no papel.
- 2 - Maria embrulha as crianças no cobertor.

Embrulhar: enrolar

Embrulhar {desencadeador/controle, afetado}

- 1 - O soldado embrulha a bandeira.

2. Embrulhar: embaralhar

Embrulhar {desencadeador(controle), afetado}

- 1 - O vento embrulhou os papéis.
- 2 - A palavra “engalanada” embrulhou a língua de Maria.

3. Embrulhar: provocar náuseas

Embrulhar {desencadeador(controle), afetado}

- 1 - As propagandas políticas embrulham meu estômago.

4. Embrulhar: enganar

Embrulhar {desencadeador(controle), afetado}

- 1 - Alguns políticos embrulham o povo.
- 2 - Promessas falsas embrulham os funcionários públicos.
- 3 - A reforma da Previdência embrulhou muita gente.

5. Embrulhar: atrapalhar

Embrulhar {afetado/controle, afetado, estativo}

- 1 - Maria se embrulhou nos negócios.

Idéia relacional: mudança do estado A para o estado B; primeiro, sentido físico e segundo, sentido de transposição desse estado físico para um estado psicológico.

41) Encher: 5 significados

1. Encher: tornar cheio

Encher {desencadeador(controle), afetado}

- 1 - Pedro enchia o estômago.
- 2 - Maria encheu o copo de água.
- 3 - A galinha enche o papo.
- 4 - José encheu o barril de aguardente.
- 5 - João encheu-se de bombom.
- 6 - As chuvas encheram o rio.
- 7 - As chuvas encheram as casas

2. Encher: cumular

Encher {desencadeador(controle), afetado, estativo/meio}

- 1 - Meu marido me encheu de jóias.
- 2 - Papai me enchia de alegrias.
- 3 - Um telefonema encheu Paulo de preocupações.

3. Encher: preencher

Encher: {desencadeador(controle), afetado, estativo/instrumento}

- 1 - Maria enche o tempo com televisão.
- 2 - Os cantos de natal enchem as madrugadas.

4. Encher: chatear

Encher {desencadeador(controle), afetado/controle}

- 1 - Esses alunos te enchem demais.
- 2 - O cachorro enchia minha avó.

5. Encher: ficar acometido

Encher {desencadeador(controle), afetado/experienciador, estativo/meio}

- 1 - João se encheu de tristeza.
- 2 - Pedro me enche de coragem.

Idéia relacional: colocar algo para dentro; primeiro, sentido físico e segundo, sentido psicológico.

42) Subir: 5 significados

1. Subir: levantar

Subir {desencadeador/controle, afetado/deslocado}

- 1 - A costureira subiu a bainha.

- 2 - José subiu a criança no balanço.
- 3 - O governo subiu o preço da gasolina.
- 4 - O orador subiu a voz.

2. Subir: ir para cima

Subir {desencadeador/deslocado(controle), estativo}

- 1 - José subiu a rua.
- 2 - Pedro sobe no lotação.
- 3 - Maria subiu no elevador.
- 4 - A família sobe para Petrópolis.
- 5 - A lagartixa subia a parede.
- 6 - O automóvel subia a ladeira.
- 7 - A escada-rolante sobe para o segundo andar.

3. Subir: aparecer

Subir {estativo/locativo}

- 1 - Uma onda de calor subia no meu rosto.
- 2 - O sol sobe cedo.

4. Subir: dar acesso a lugar superior

Subir {estativo/locativo}

- 1 - A escada sobe para os quartos.
- 2 - A estrada sobe.

5. Subir: ascender

Subir {afetado/controle, locativo}

- 1 - José sobe na empresa.
- 2 - Maria subiu sozinha no trabalho.

Idéia relacional: colocar algo para cima; primeiro, sentido físico e segundo, psicológico.

43) Abandonar: 4 significados

1. Abandonar: desamparar

Abandonar {desencadeador/controle, afetado}

- 1 - Paulo abandonou seu pai.
- 2 - Paulo abandonou a esposa.

2. Abandonar: sair

Abandonar {desencadeador (controle), afetado}

- 1 - Maria abandonou o campo.
- 2 - As forças abandonavam o João.

3. Abandonar: desistir

Abandonar {desencadeador/controle, estativo}

- 1 - Maria abandonou o curso.
- 2 - Abandonei aquela idéia maluca.
- 3 - Um atleta abandonou a luta.
- 4 - Joana abandonou a literatura.
- 5 - João abandonou seu ideal.

4. Abandonar: entregar-se

Abandonar-se {afetado/controle, afetado, alvo}

- 1 - Biela abandona-se ao choro.

Idéia relacional: alguém isola algo; primeiro, sentido físico e segundo, sentido mental.

44) Afundar: 4 significados

1. Afundar: fazer ir ao fundo

Afundar {desencadeador(controle), afetado, alvo}

- 1 - Maria afundou o pé no barro.
- 2 - Afundei a cabeça na bacia.
- 3 - O vento afundou o navio.
- 4 - João afundou um pouco mais a cisterna.
- 5 - A chuva afundou o asfalto na avenida.
- 6 - João se afundou na almofada do automóvel.

2. Afundar: fazer mergulhar em situação difícil

Afundar {desencadeador(controle), afetado}

- 1 - Pedro afundou a família.
- 2 - A bebida o afundou.

3. Afundar: sair-se mal

Afundar-se {afetado(controle), alvo}

- 1 - Os alunos afundaram na prova.
- 2 - A economia do país afunda cada vez mais.

4. Afundar: entregar-se

Afundar {afetado/experienciador(controle), alvo}

- 1 - João afundou-se na melancolia.

Idéia relacional: colocar algo para baixo; primeiro, sentido físico de ir ao fundo e segundo, sentido psicológico.

45) Trabalhar: 4 significados

1. Trabalhar: ocupar-se em algum ofício

Trabalhar {desencadeador/controle, afetado}

- 1 - João trabalha muito.

- 2 - Ele trabalhava de bombeiro.
- 3 - Maria trabalha com a tesoura.
- 4 - Pedro trabalhou em teatro.
- 5 - Vocês trabalharão na minha vinha.

2. Trabalhar: aperfeiçoar

Trabalhar {desencadeador/controle, afetado}

- 1 - João trabalha as esculturas.
- 2 - Pedro trabalha seus alunos.

3. Trabalhar: comercializar

Trabalhar {desencadeador(controle), estativo}

- 1 - A loja trabalha com roupas.

4. Trabalhar: controlar

Trabalhar {desencadeador/controle, afetado}

- 1 - O psiquiatra trabalhou suas emoções.
- 2 - Eu trabalhei minha cabeça para aceitar tua gravidez.

Idéia relacional: desprender energias para dentro e para fora; primeiro, sentido físico e segundo, sentido de transposição do sentido físico para o sentido psicológico.

46) Atirar: 4 significados

1. Atirar: disparar arma de fogo

Atirar {desencadeador/controle, afetado}

- 1 - Carlos atirou contra os ladrões.
- 2 - João atirou no gato.
- 3 - Os soldados atiravam nervosamente.

2. Atirar: arremessar

Atirar {desencadeador/controle, afetado, alvo}

- 1 - A mulher atirou o rádio pela janela.
- 2 - Tônico atirou uma pedra pela vidraça.

3. Atirar: lançar-se

Atirar {desencadeador/controle, afetado, alvo}

- 1 - O homem atira-se aos seus pés.
- 2 - Maria atira-se na cama.
- 4. Atirar: entregar-se arduamente a uma atividade

Atirar {desencadeador/controle, afetado, alvo}

- 1 - João se atirou no trabalho.

Idéia relacional: passar de um ponto para outro ponto; primeiro, sentido físico e segundo, sentido psicológico.

47) Curtir: 4 significados

1. Curtir: preparar o couro ou alimento

Curtir {desencadeador/controle, afetado}

- 1 - João curtiu o couro do bezerro.
- 2 - Os japoneses curtem nabos e rabanetes.
- 3 - Maria curte legumes para a salada.

2. Curtir: passar

Curtir {afetado/experenciador, estativo}

- 1 - O presidente já curtiu fome.

3. Curtir: sofrer

Curtir {afetado/experenciador, estativo}

- 1 - Maria curtia a maior fossa.

4. Curtir: gostar

Curtir {afetado/experenciador, estativo}

- 1 - Carolina curtia aquele fusca.
- 2 - Maria curte ficar sozinha.
- 3 - Agora Maria curte o som.

Idéia relacional: passar por um processo demorado; primeiro, sentido físico e segundo, o sentido canônico é retomado e passa para idéia mais abstrata.

48) Esgotar: 3 significados

1. Esgotar: esvaziar

Esgotar {desencadeador(controle), afetado}

- 1 - O vazamento esgotou a água da caixa.

2. Esgotar: consumir, gastar

Esgotar {desencadeador/controle, afetado}

- 1 - O governo esgotou seus recursos para convencer o MST.
- 2 - O professor esgotou todo o prazo que tinha para apresentar a dissertação.
- 3 - O professor esgotou o assunto.

3. Esgotar: tornar exausto

Esgotar {desencadeador(controle), afetado}.

- 1 - O trabalho de Cançado esgotou a turma.
- 2 - João esgotou minha paciência.

- 3 - A insistência esgota qualquer um.
- 4 - As provas esgotaram a menina.

Idéia relacional: tirar algo de dentro para fora; primeiro, sentido físico, tirar a água da caixa e segundo, sentido de transposição do sentido canônico para idéias mais abstratas.

49) Organizar: 3 significados

- 1. Organizar: pôr em ordem

Organizar {desencadeador/controle, afetado}

- 1 - Maria organizou sua biblioteca.
- 2 - Vou organizar minha agenda.
- 3 - O governo organizou o ministério.

- 2. Organizar: preparar

Organizar {desencadeador/controle, afetado}

- 1 - João organizou a prova.
- 2 - Maria organizou a festa.
- 3 - Os trabalhadores organizaram a rebelião em frente à prefeitura.

- 3. Organizar: pôr em ordem

Organizar {desencadeador/experenciador/controle, afetado}

- 1 - Maria organiza suas idéias.

Idéia relacional: mudança do estado inicial para o estado final; primeiro, sentido físico e segundo, sentido psicológico.

50) Esfriar: 3 significados

- 1. Esfriar: tornar frio

Esfriar {desencadeador(controle), afetado, alvo}

- 1 - A avó esfria a sopa para o neto.
- 2 - O cachorro esfriava o focinho no rio.
- 3 - A água esfriará a chapa do fogão.
- 4 - A chuva esfriou a cidade.

- 2. Esfriar: diminuir

Esfriar {desencadeador(controle), afetado}

- 1 - As brigas esfriam a amizade.
- 2 - O medo esfria o ânimo de Pedrinho.
- 3 - Seu olhar esfriou aquela conversa.

- 3. Esfriar: tornar-se indiferente

Esfriar {afetado(controle)}

- 1 - A amizade de Maria por José esfriou.
- 2 - O casamento deles esfria cada vez mais.

3 - O interesse dele pelo negócio esfriou.

Idéia relacional: mudança de estado; primeiro, sentido físico e segundo, sentido psicológico.

51) Aposentar: 3 significados

1. Aposentar: afastar-se do serviço ativo

Aposentar {desencadeador/controle, afetado, tempo}

1 - Eu me aposentei em 1998.

2 - O ministro se aposentou há muito tempo.

2. Aposentar: conceder aposentadoria

Aposentar {desencadeador(controle), afetado}

1 - O governo aposentou vários professores.

2 - Um simples ato aposentou centenas de militares.

3. Aposentar: abandonar

Aposentar {desencadeador/controle, estativo}

1 - Maria aposentou seu celular.

2 - Os sitiantes aposentaram o carro de boi.

3 - Maria aposentou aquela idéia maluca.

Idéia relacional: mudança do estado A para o estado B; primeiro, sentido físico e segundo, sentido abstrato que recupera o sentido físico.

52) Diminuir: 3 significados.

1. Diminuir: tornar menor

Diminuir {desencadeador(controle), afetado}

1 - José diminuiu os pés da cama.

2 - Maria diminuiu o vestido.

3 - O governo diminuiu meu salário.

4 - José diminuiu o preço das batatas.

5 - O professor diminuiu a duração da prova.

6 - A higiene diminuiu as doenças.

7 - A idade diminuiu D. Laura.

8 - O sofrimento diminuiu o orgulho.

9 - A poluição diminuiu os peixes.

2. Diminuir: tirar, subtrair

Diminuir {desencadeador/controle, afetado}

1 - Maria diminuiu os móveis da sala.

2 - Maria tirou treze de vinte.

3. Diminuir: humilhar

Diminuir {desencadeador/controle, afetado}

- 1 - Tem professor que diminui seus alunos.
- 2 - Maria se diminuía a todo instante.

Idéia relacional: mudar para ficar menor ou menos; primeiro, sentido físico e segundo, transposição do sentido físico para o sentido mental.

53) Cozinhar: 3 significados

1. Cozinhar: preparar ao fogo

Cozinhar {desencadeador(controle), afetado}

- 1 - Pedro cozinha o feijão.
- 2 - Mamãe cozinha muito bem.

2. Cozinhar: sufocar

Cozinhar {desencadeador, afetado}

- 1 - O calor de verão cozinhava os transeuntes.

3. Cozinhar: retardar

Cozinhar {desencadeador/controlado, estativo}

- 1 - Pedro cozinha este noivado.
- 2 - Os parlamentares cozinham o aumento de salário dos professores.
- 3 - Ele vem cozinhando o garoto com falsas promessas.

Idéia relacional: algo se processa de modo, mais ou menos, demorado; primeiro, sentido físico e segundo, sentido abstrato.

54) Amarelar: 2 significados

1. Amarelar: tornar amarelo

Amarelar {desencadeador(controle), afetado}

- 1 - João amarelou a blusa.
- 2 - O sol amarela os frutos.
- 3 - Os lampiões de querosene amarelavam a sala.
- 4 - O tempo amarelou as fotos.

2. Amarelar: amedrontar-se

Amarelar {afetado/experienciador(controle)}

- 1 - O soldado amarelou diante do perigo.

Idéia relacional: alguém ou algo é modificado; primeiro, sentido físico e segundo, transposição do sentido físico para o abstrato, ou seja, a pessoa, em situações perigosas, pela ação da adrenalina, fica de cor amarelecida.

Verbos de Instrumento

55) Bimbalhar: 1 significado

1. Bimbalhar: repicar sinos

Bimbalhar {desencadeador(controle)}

1 - Na noite de natal, os sinos bimbalham alegremente.

56) Espanar: 1 significado

1. Espanar: sacudir o pó

Espanar {desencadeador/controle, afetado}

1 - A mulher espanou os móveis.

2 - Varreu e espanou tudo.

3 - Ângela ajuda a empregada espanar os quadros.

57) Coar: 1 significado

1. Coar: filtrar

Coar {desencadeador/controle, afetado}

1 - Vou coar café.

2 - Coamos já o leite.

3 - Já coei a farinha.

4 - Você coou o fubá?.

58) Podar: 2 significados

1. Podar: cortar, desbastar

Podar {desencadeador/controle, afetado}

1 - João podou as roseiras.

2 - Uma máquina zero podou a cabeleira de José.

2. Podar: prejudicar

Podar {desencadeador(controle), afetado}

1 - Essa Lei podou a carreira de José.

2 - Maria poda toda iniciativa de José

Idéia relacional: modificar para baixo; primeiro, sentido físico, modificar objetos concretos e segundo, sentido psicológico.

59) Colorir: 2 significados

1. Colorir: dar cores

Colorir {desencadeador(controle), afetado}

1 - João coloriu a figura.

2 - O azul coloriu o céu.

2. Colorir: realçar

Colorir {desencadeador(controle), afetado}

- 1 - O orador coloriu seu discurso.
- 2 - As flores coloriam a festa.

Idéia relacional: fazer algo mais alegre; primeiro, sentido físico e segundo, transferência das propriedades físicas para propriedades psicológicas.

60) Escrever: 3 significados

1. Escrever: representar por meio da escrita

Escrever {desencadeador/controlado, estativo/resultativo}

- 1 - As crianças escreveram as vogais.
- 2 - Maria escreveu uma carta para Alice.
- 3 - Ele não sabe escrever nem bilhete.
- 4 - Minha tia escrevia cartas para Drummond.

2. Escrever: redigir

Escrever {desencadeador/controlado, estativo/resultativo}

- 1 - O aluno escrevia tudo o que o professor falava.

3. Escrever: produzir

Escrever {desencadeador/controlado, estativo/resultativo}

- 1 - Roberto escreve versos.
- 2 - José de Alencar escreveu “Senhora”.
- 3 - Visconde de Taunay escreveu como foi a retirada da Laguna.
- 4 - Hemingway escreveu que a guerra é um inferno.

Idéia relacional: fazer aparecer algo; primeiro, sentido físico e segundo, sentido mais abstrato, indica processo da mente.

61) Varrer: 5 significados

1. Varrer: limpar

Varrer {desencadeador(controle), afetado}

- 1 - Varro minha casa todos os dias.
- 2 - O gari varria as ruas.
- 3 - O vento varria as folhas.
- 4 - Esta vassoura varre os cantos.

2. Varrer: roubar

Varrer {desencadeador/controlado, afetado}

- 1 - João Alves varreu os cofres públicos.
3. Varrer: expulsar

Varrer {desencadeador(controle), afetado, locativo}

- 1 - Hitler varreu os judeus da Alemanha.

2 - O tiroteio varreu os manifestantes.

4. Varrer: destruir

Varrer {desencadeador, afetado}

1 - O Vesúvio varreu Pompéia.

5. Varrer: tirar

Varrer {desencadeador/experienciador/controle, afetado}

1 - João varreu esses pensamentos.

2 - Maria varreu o medo de sua vida.

Idéia relacional: algo passa por um processo; primeiro, sentido físico e segundo, sentido psicológico.

Verbos de Ações Corporais

62) Assobiar: 1 significado

1. Assobiar: dar assobios

Assobiar {desencadeador(controle), estativo}

1 - Maria assobiava lá de cima.

2 - Quase todas as aves assobiam.

3 - O vento assobia, metendo medo.

4 - A bala assobiou no ar.

5 - Paulo assobia esta canção.

6 - A cocota assobia o hino do Atlético.

63) Digerir : 2 significados

1. Digerir: sofrer ou fazer digestão

Digerir {desencadeador, afetado}

1 - Seu Maneco digeriu o ajantarado.

2 - Estômago de avestruz digere qualquer coisa.

2. Digerir: entender

Digerir {afetado, estativo}

1 - Não consigo digerir suas palavras.

2 - Agora consigo digerir sua teoria.

3 - O Congresso tem capacidade de digerir essas questões.

Idéia relacional: passar de fora para dentro; primeiro, sentido físico e segundo, sentido mental.

64) Cheirar : 2 significados

1. Cheirar: sentir, exalar

Cheirar {desencadeador/experienciador (controle), estativo}

- 1 - Joana cheirou o perfume.
- 2 - A cozinha cheirava a gordura.

2. Cheirar: perceber, parecer ter

Cheirar {afetado/experienciador(controle), estativo}

- 1 - João cheira malícia no ar.
- 2 - Esse caso cheira à corrupção.

Idéia relacional: perceber de fora para dentro; primeiro, sentido físico e segundo, sentido de transferência do sentido físico para o sentido psicológico.

65) Balançar: 2 significados

1. Balançar: fazer oscilar

Balançar {desencadeador(controle), afetado}

- 1 - Pedro balançou a cabeça.
- 2 - O vento balançava as folhas das árvores.
- 3 - Pedro balançava-se na rede.

2. Balançar: afetar

Balançar {desencadeador/experienciador, afetado(controle)}

- 1 - O acidente me balançou bastante.
- 2 - Suas propostas me balançam.
- 3 - Essa escolha balançou meu coração.

Idéia relacional: mudar o modo de estar; primeiro, sentido físico e segundo, sentido psicológico.

66) Deitar: 2 significados

1. Deitar: estender-se ao comprido

Deitar {desencadeador(controle), afetado}

- 1 - Carlos deita cedo.
- 2 - Maria deitou o tapete no chão.
- 3 - Maria deitou o violino no sofá.
- 4 - O cachorro deitou aos meus pés.
- 5 - João deitou a cabeça no meu ombro.
- 6 - O vento deitou o milho.

2. Deitar: copular

Deitar {desencadeador/controlado, afetado}

- 1 - Maria se deitou com seu amante.
- 2 - Maria e João se deitaram juntos.

Idéia relacional: passar de um estado para outro; primeiro, sentido físico e segundo, sentido expandido para domínios mais abstratos.

67) Abaixar: 3 significados

1. Abaixar: descer

Abaixar {desencadeador(controle), afetado}

- 1 - João abaixou a prateleira.
- 2 - Mamãe abaixou as persianas.
- 3 - Maria abaixou para pegar o lápis.
- 4 - Vovó abaixou a cabeça.
- 5 - Abaixei o olhar sem jeito.
- 6 - O galo abaixou as asas.
- 7 - A manivela abaixa o encosto da cadeira.
- 8 - Abaixei o dois e continue a divisão.

2. Abaixar: diminuir

Abaixar {desencadeador(controle), afetado}

- 1 - Maria abaixou a voz.
- 2 - Os buracos da estrada abaixaram o som do carro.
- 3 - A chuva abaixou a poeira.
- 4 - O dono do supermercado abaixou o preço da maçã.
- 5 - O antitérmico abaixou a febre da criança.

3. Abaixar: humilhar-se

Abaixar {afetado/experienciador/controlador}

- 1 - João se abaixa diante das dificuldades.

Idéia relacional: passar para posição inferior; primeiro, sentido físico e segundo, sentido psicológico.

68) Acordar: 3 significados

1. Acordar: tirar do sono

Acordar {desencadeador(controle), afetado}

- 1 - A mãe acordou a filha.
- 2 - O barulho acordou a criança.
- 3 - O tiro acordou todo o mundo.
- 4 - Maria acordou do desmaio.
- 5 - Maria acordou cedo.
- 6 - Maria acordou do pesadelo.

2. Acordar: fazer aparecer

Acordar {desencadeador(controle), estativo, alvo}

- 1 - A viúva acordou fortes emoções em Danilo.
- 2 - O perfume acordou lembranças da infância em Maria.

3. Acordar: entender

Acordar {afetado/experienciador, estativo}

- 1 - Eu acordei para vida.
- 2 - Agora Lia acordou para seus problemas.

Idéia relacional: pôr-se em alerta; primeiro, sentido físico e segundo, sentido de transposição do sentido físico para o sentido metafórico.

69) Beber: 3 significados

1. Beber: ingerir

Beber {desencadeador/controle, afetado}

- 1 - Maria bebe muita água.
- 2 - Carlos bebeu uma garrafa de guaraná.
- 3 - João bebia muito.
- 4 - Paulo bebe pinga toda tarde.

2. Beber: consumir combustível

Beber {desencadeador, afetado}

- 1 - O Tempra bebe muita gasolina.

3. Beber: receber

Beber {afetado(controle), estativo}

- 1 - Os discípulos bebiam as lições do mestre.
- 2 - A terra já bebeu os aguaceiros de dezembro.

Idéia relacional: passar de fora para dentro; primeiro, sentido físico e segundo, sentido metafórico, relativo ao primeiro.

70) Engolir: 4 significados

1. Engolir: fazer passar da boca ao estômago

Engolir {desencadeador(controle), afetado}

- 1 - Maria engoliu o pão.
- 2 - O sapo engoliu a cobra.

2. Engolir: destruir

Engolir {desencadeador(controle), afetado}

- 1 - Os americanos engoliram o Iraque.
- 2 - Os terremotos engoliram o Japão.

3. Engolir: conter

Engolir {desencadeador(controle), afetado}

- 1 - Maria engoliu o soluço.
- 2 - João engoliu o que ia dizer.

4. Engolir: suportar, tolerar

Engolir {afetado/controle, estativo}

- 1 - João engoliu aquele desaforo.
- 2 - João engoliu as mentiras da mulher.

Idéia relacional: passar de fora para dentro; primeiro, sentido físico e segundo, sentido de transferência do sentido físico para o sentido mental.

71) Comer : 4 significados

1. Comer: tomar alimento

Comer {desencadeador(controle), afetado}

- 1 - Maria come muito.
- 2 - Maria come arroz todos os dias.
- 3 - João comeu chocolates.
- 4 - Sapo come mosquitos.
- 5 - Os leões comiam os cristãos na arena.

2. Comer: fazer desaparecer

Comer {desencadeador(controle), afetado}

- 1 - Ele comeu todas as vírgulas.
- 2 - O digitador come as palavras.
- 3 - A árvore comeu um pedaço da vista.

3. Comer: corroer

Comer {desencadeador, afetado}

- 1 - A ferrugem comeu o carro.

4. Comer: gastar

Comer {desencadeador(controle), afetado}

- 1 - A mulher comia-lhe todo o ordenado.
- 2 - Tem gente comendo dinheiro público.
- 3 - Este carro come muita gasolina.
- 4 - Os impostos comeram meu salário.

Idéia relacional: alguém desaparece com algo; primeiro, sentido físico e segundo, sentido metafórico.

72) Dormir: 6 significados

1. Dormir: repousar

Dormir {desencadeador(controle), locativo}

- 1 - João dorme na casa da irmã.

2. Dormir: entregar-se ao sono

Dormir {afetado, locativo}

- 1 - João dorme na sala de aula.
- 2 - João dorme muito.
- 3 - João dorme rápido.

3. Dormir: estar sossegado

Dormir {estativo}

1 - A cidade dormia.

2 - O cemitério onde dormem os que nos amaram.

4. Dormir: relacionar-se sexualmente

Dormir {desencadeador/controle, afetado}

1 - A viúva e o João dormiram juntos.

5. Dormir: estar latente

Dormir {estativo, locativo}

1 - O fogo dorme debaixo das cinzas.

6. Dormir: bobear

Dormir {estativo/controle, locativo}

1 - João dormiu nesta passagem do texto.

Idéia relacional: passar a um estado de inércia; primeiro, sentido físico e segundo, sentido mais abstrato, envolvido pelo físico.

Verbos psicológicos

73) Aborrecer: 1 significado

1. Aborrecer: descontentar

Aborrecer {desencadeador/experienciador(controle), afetado(controle)}

1 - O rapaz aborrecia as pessoas.

2 - O rapaz aborrecia o gato com uma cordinha.

3 - A sua conversa me aborrece.

4 - Esse assunto aborrece todo mundo.

5 - Minhas perguntas aborrecem o professor.

6 - A inveja me aborrece.

74) Assustar: 1 significado

1. Assustar: dar susto

Assustar {desencadeador/experienciador(controle), afetado(controle)}

1 - Os moleques assustaram Maria.

2 - Você assusta a criança com esse chapéu.

3 - Um gato preto me assustou.

4 - Os trovões me assustam.

5 - A pobreza assusta muita gente.

6 - Essas idéias assustam Maria.

75) Comover: 1 significado

1. Comover: causar comoção

Comover {desencadeador/experienciador(controle), afetado(controle)}

- 1 - O pregador comoveu os fiéis.
- 2 - O acidente comoveu toda a cidade.
- 3 - Sua tristeza me comoveu.
- 4 - A música comoveu a platéia.

76) Decepcionar: 1 significado

1. Decepcionar: desiludir

Decepcionar {desencadeador/experienciador(controle), afetado(controle)}

- 1 - Ele decepcionou todo mundo.
- 2 - O campeão decepcionou a torcida.
- 3 - A vida decepcionou Maria.
- 4 - A resposta decepcionou a namorada.